FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
Centro de Ciências da Saúde - CCS
Mestrado em Educação em Saúde

GLADYS MARY COSTA GUERRA

MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA - análise de uma rede social

FORTALEZA

2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

GLADYS MARY COSTA GUERRA

MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA: análise de uma rede social

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Mestrado em Educação em Saúde do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Cultura, redes sociais e humanização do cuidado em saúde.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Fátima Luna Pinheiro Landim

FORTALEZA

2006

MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA: análise de uma rede social

Dissertação aprovada em: _____/_____/_____

Banca examinadora

_____

Prof[a]. Dr[a]. Fátima Luna Pinheiro Landim (UNIFOR)

Presidente

_____

Prof[a]. Dr[a]. Sônia Aguiar Lopes (UFRJ)

1º membro efetivo

_____

Prof[a]. Dr[a]. Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes (UFC)

2º membro efetivo

_____

Prof. Dr. Rosendo Freitas de Amorim (UNIFOR)

Membro suplente

DEDICATÓRIA

Para meus pais, Luiz Guerra e Vaneide Guerra, pelo carinho, compreensão, cumplicidade e ensinamentos passados ao longo do meu desenvolvimento. Com eles sempre pude contar em todos os momentos da minha vida, sempre ao meu lado, apoiando e incentivando em minha caminhada; sem eles não poderia estar aqui, pois sempre me deram o apoio necessário para que meus sonhos pudessem se transformar em realidade.

AGRADECIMENTOS

Com o objetivo alcançado, manifesto o meu agradecimento a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para este estudo, em especial:

A Deus e aos anjos que me protegem, por me darem forças e estarem sempre me iluminando em todos os momentos da minha vida.

À minha família, em especial, aos meus pais, a quem dedico esta dissertação.

Aos meus padrinhos, Pedro Passos e Maria Passos, por me incentivarem, fazendo acreditar que sou capaz; por estarem sempre me apoiando, passando ensinamentos e dando forças nos momentos em que estou precisando.

À minha orientadora Profª. Drª. Fátima Luna Pinheiro Landim, a quem devo a possibilidade da realização desta pesquisa, com quem pude contar nos momentos de profunda ansiedade, dúvidas, angústias e alegrias que esse mestrado me trouxe. Pela orientação segura, disponibilidade e apoio fundamental durante todo o processo de criação e elaboração deste ensaio. Trabalhar com você, Professora Fátima, foi um grande aprendizado e um enorme prazer, pois você passou a fazer parte da minha vida como uma amiga, a quem admiro e respeito.

A todos que fazem parte do “Grupo da Felicidade”, por concordarem em participar deste estudo, pois, sem eles, não teria sido possível sua realização.

À minha prima Vailma, pelo apoio, com ela sempre posso contar.

Aos professores do mestrado, pelo carinho e dedicação.

Aos professores, doutores, membros da banca, Sônia Aguiar, Isolda Castelo Branco e Rosendo Amorim, pela colaboração e disponibilidade na defesa.

Aos meus colegas do mestrado, em especial, Roberto Brito e Christianne Rocha, por compartilharem tantas alegrias e angústias comigo.

Aos meus amigos Patrícia Collares e Rafael Mesquita, pela competência, amizade, presteza, incentivo e apoio sempre.

A todos os funcionários do mestrado, Cleide, Abreu e Marciliano, pelo apoio e ajuda sempre que necessários.

Se um povo ao abandono é capaz de tanta resistência, se um povo sem letras é capaz de aninhar idéias de progresso material e de elevação moral, se esse povo em vez de barbarizar-se procura quase instintivamente melhorar, do que não será capaz esse povo quando a educação o tornar apto a pensar e agir com a consciência clara?

Felipe Guerra

RESUMO

Na atualidade, as redes sociais configuram o mais novo campo de elaboração de conhecimentos e de práticas que se voltam para transformar as relações sociais, as formas de aprender, trabalhar e atuar sobre as condições de vida. Estudo descritivo que teve como objetivo geral: analisar uma rede social como estratégia para se melhorar as condições de vida de segmentos populacionais em uma comunidade carente. E objetivos específicos: 1) conhecer a história de surgimento e evolução da rede social; 2) analisar modelo de atendimento e principais elementos da organização responsáveis pela adesão/fixação da clientela; 3) investigar a configuração sociométrica, em termos de suas relações e dinâmica grupal, que se reflete no modelo de intervenção junto à comunidade. Utiliza pressupostos da metodologia de análise das redes sociais, contemplando aspectos das abordagens quantitativa e qualitativa nas etapas de coleta, organização e análise dos dados. O campo de coleta de dados foi o espaço físico onde funciona a organização não governamental (ONG) em fase de implantação, denominada Rede de Integração Familiar e Comunitária (RIFAC), objeto dessa investigação. Foram consideradas informantes do estudo 55 pessoas na faixa etária entre 38 e 87 anos de idade, sendo que 53 dentre estas pessoas integram a comunidade. Os dois outros participantes são o seminarista que atua como apoio nas dinâmicas de grupos e a coordenadora da RIFAC. Os dados foram coletados durante os meses de julho a setembro do ano de 2006. No primeiro momento, como técnicas de coleta de dados, adotou-se a história oral. Ainda foram adotadas a observação participante, a pesquisa documental e o teste sociométrico como forma de identificação da dinâmica grupal, o modelo de atendimento e principais elementos da organização responsáveis pela adesão/fixação dos participantes. O processamento e apresentação dos dados foram realizados com o auxílio de dois programas computacionais: UCINET 6.123, para entrada e manipulação dos dados; e NetDraw 2.38, para visualização do mapa da rede. Como resultados, a análise da rede social permitiu constatar sua alta densidade, significando com isto que muitas conexões estão acontecendo, que os indivíduos se expõem aos intercâmbios e às trocas de suporte. Durante o teste sociométrico, como principais justificativas para as escolhas positivas, destacam-se os adjetivos “amizade” (referido 44 vezes), seguida de “prestativo” (30 vezes) e “participativo”(22 vezes). Para as escolhas negativas, destaca-se “antipatia” (referido 16 vezes), “não participa” (16 vezes) e “falta muito” (12 vezes). Percebe-se que o amigo, constituído no processo vivencial do grupo, atua como a base motivacional para as atividades coletivas realizadas. Nestes termos, a ausência da verificação de estratégias que permitam/estimulem o surgimento de mais lideranças pode ser inferido como fator restritivo ao desenvolvimento de atividades coletivas.

Palavras – chave: Análise de redes sociais; Suporte social; Organizações não governamentais.

ABSTRACT

Nowadays, the social networks configure newest field in knowledge and practice construction that turn back to transform the social relationships, the ways of learning, working and act over life conditions. Descriptive study that had as general objective: to analyze a social network as strategy to work the life conditions of popular segments in a needy community. Specific objectives: 1) To know the emergence history and the social network evolution; 2) To analyze attendance model and the main organization elements responsible by customers adhesion/fixation; 3) To investigate the *socialmetric* configuration in its terms and group dynamic that reflects itself in the intervention model in association with the community. Uses conjectures from social networks analysis methodology, contemplating aspects from quantitative and qualitative approaching in the stages of collect, organization and data analysis. The data collect field was the physical space in which works a non-governmental organization (NGO) in implantation stage, called Family and Community Integration Network (RIFAC), subject of this investigation. It were considered as informers of the study 55 people in the age range between 38 and 87 years old, at the rate that 53 within that people are associated with the community. The other couple of participants it's about the mediator that acts as a supporter in the group dynamics and the RIFAC's coordinator. The data were collected during the months of July to September of the 2006 year. In the first moment, as data collect techniques, it was adopted the oral history. Still were adopted the participant observation, the documental research and socialmetric test as a way of identification of the attendance model and main organizational elements responsible by the customer adhesion/fixation. The data processing and presentation were accomplished with the help of two computing softwares: UCINET 6.123, for entry and data handling; the NetDraw 2.38, for network map visualization. As results the social network analysis allowed to evidence its high density, meaning that many connections are happening, what means that the individuals are exposed to exchange and to support trades. During the socialmetric test, as main justification to the positive choices it were distinguished the predicatives "friendship" (referred 44 times), followed by "gracious" (30 times) and "participative" (22 times). For the negative choices it were distinguished "antipathy" (referred 16 times), "don't participate" (16 times) and "misses a lot" (12 times). It is noticed that the friend, constituted in existential group process, acts as a motivational basis to the collective activities accomplished. In these terms, the absence in strategy verification that allow/stimulate the emergence of new leaderships may be inferred as a restrictive factor in the development of the collective activities.

Key words: Social networks analysis; social support; not governmental organizations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 10

2 OBJETIVOS..... 12

2.1 Geral..... 12

2.2 Específicos..... 12

3 REVISÃO DE LITERATURA..... 13

3.1 Redes sociais: conceitos e metodologia de análise..... 13

3.2 Redes e suporte (apoio) social..... 17

3.3 O papel das organizações não governamentais (ONGs)..... 20

4 METODOLOGIA..... 29

4.1 Abordagem e tipo de estudo..... 29

4.2 Cenário do estudo..... 30

4.3 Sujeitos participantes..... 32

4.4 Coleta de dados..... 32

4.5 Organização e análise dos dados..... 36

4.6 Critérios éticos..... 37

5 RESULTADOS..... 38

5.1 “O início de tudo” sob o ponto de vista da coordenadora do grupo..... 38

5.1.1 “O início de tudo” no discurso coletivo..... 47

5.2 Análise do processo grupal: identificação do modelo de atendimento e principal estrutura organizacional responsável pela adesão/fixação da clientela..... 51

5.2.1 A identidade do grupo..... 52

5.2.2 Atividade grupal e significação social do que produz essa atividade

grupal..... 61

5.2.2.1 Análise da atividade grupal que considera a dimensão interna..... 61

5.2.2.2 Análise da atividade grupal que considera a dimensão externa..... 65

5.3 Resultados relativos à análise da configuração sociométrica da rede em termos de relações entre membros e dinâmica de grupo..... 68

5.3.1 O tamanho da rede e sua densidade..... 68

5.3.2 Relações entre membros e dinâmica grupal..... 72

5.3.2.1 Compreensão da intersubjetividade das escolhas..... 77

6 CONCLUSÃO..... 83

REFERÊNCIAS..... 86

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS..... 95

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 101

APÊNDICE C – FICHA DE CADASTRO..... 105

APÊNDICE D – ROTEIRO DE TRIAGEM..... 106

APÊNDICE E – LISTA DE FREQÜÊNCIA..... 107

APÊNDICE F – ATA DE FUNDAÇÃO..... 108

APÊNDICE F – ESTATUTO SOCIAL..... 112

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, as redes configuram o mais novo campo de formulação de conhecimentos e práticas que se voltam para transformar as relações sociais, as formas de aprender, trabalhar e atuar sobre as condições de vida. A esse respeito, Martinho (2003) escreve:

> Criando conexões abrimos à nossa frente um enorme horizonte de possibilidades. Podem ser parcerias, trocas, amizades, afetos, novos valores e formas de convivência, criação de conhecimentos, aprendizados, apoios, diálogos, participação, mobilização, força política, conquistas e muito mais. (P. 04).

O pressuposto fundador da rede é: pessoas e grupos podem somar seus talentos, vocações e recursos no sentido de potencializar ações e realizar objetivos comuns. São relações interpessoais espontâneas, motivadas por necessidades individuais compartilhadas ou comunitárias identificadas simultaneamente por um grupo de pessoas, numa proposta de trabalho que valoriza o funcionamento grupal. Tal peculiaridade evidencia as redes pessoais como variável importante nos estudos ligados ao bem-estar, condições de vida e de saúde.

No caso do potencial das redes sociais, para a elaboração de conhecimento e transferência de informações capazes de orientar a formulação de políticas públicas no Brasil, ainda há, de acordo com Marteleto e Silva (2004), uma lacuna a ser ocupado por pesquisas.

Na realidade particular das comunidades que vivenciam a experiência de atuação em redes fomentadas por organização não governamental (ONG), essa lacuna de conhecimento é ainda maior, sendo praticamente desconhecidos dados que evidenciem características e formas de mobilização dos suportes disponibilizados pelas redes fomentadas, bem como indicadores que evidenciem a importância de seu papel no desenvolvimento humano e social. A esse respeito,

Marteleto e Ribeiro (2001) escrevem que, sendo as ONGs um fenômeno recente no cenário social e político brasileiro, só ultimamente começam a ser objeto de estudos acadêmicos.

Diante do exposto, optou-se por desenvolver estudo, trazendo luz sobre a representatividade de uma ONG e o papel desta no interior da comunidade. Trata-se de conduzir o enfoque das redes sociais, analisando os elos em sua dinâmica e significados para a transformação das condições de vida, a partir dos seguintes questionamentos: 1) como surge e se consolida uma rede no interior de uma comunidade? 2) quais elementos são valorizados no intuito de atrair e fixar os participantes? 3) como acontecem as relações entre membros, conflitos de interesses etc? 4) como se refletem a configuração da rede e sua dinâmica de intervenção na comunidade?

Entende-se que o estudo evidenciará indicativos pouco explorados de uma realidade social contemporânea de atuação das ONGs como fomentadoras de redes. Espera-se, ainda, que os resultados do estudo funcionem como subsídio para que os profissionais em geral, - e os da saúde coletiva, em especial, - desenvolvam propostas que se utilizem dessa forma de intervenção nas problemáticas sociais, ao tempo em que são compatíveis com as características/formas de atuação nesses espaços e vão ao encontro das expectativas dos grupos assistidos.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Analisar uma rede social como estratégia para se melhorar as condições de vida de segmentos populacionais em uma comunidade carente.

2.2 Específicos

- conhecer a história de surgimento e evolução da rede social;
- analisar o modelo de atendimento e os principais elementos da organização, responsáveis pela adesão/fixação dos participantes; e
- investigar a configuração sociométrica em termos de suas relações e a dinâmica que se reflete no modelo de intervenção junto à comunidade.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Redes Sociais: conceitos e metodologia de análise

Diante da complexa realidade social, o homem, um ser biopsicossocial, necessita estabelecer sua identidade, constituindo-se como indivíduo histórico-social por meio de relações sadias que respeitam sua condição humana e possibilitam a expressão de sua subjetividade. Nesses termos, a prática em rede constitui para o homem um meio de encontrar caminhos com vistas a intervir na realidade social complexa.

Acerca do conceito de rede, Marteleto (2001) discorre:

> O conceito de *redes* é tributário de um conflito permanente entre diferentes correntes nas ciências sociais, que criam os pares dicotômicos-indivíduo/sociedade; ator/estrutura; abordagens subjetivistas/objetivistas; enfoques micro ou macro da realidade social -, colocando cada qual a ênfase analítica em uma das partes. (P.2).

A autora assinala que as redes são sistemas compostos por nós (na concepção de vínculos) e conexões entre eles, nas Ciências Sociais, representados por sujeitos sociais, indivíduos, grupos, organizações etc., conectados por algum tipo de relação.

Nos escritos de Barbosa et al (2000, p.6), consta a idéia de rede como “pontos conectados por fios, formando a imagem de uma teia”. A esse respeito escrevem:

> Uma rede pode ser definida como um conjunto de nós conectados, em que estes nós podem ser pessoas, grupos ou outras unidades, e as ligações podem ser simétricas ou assimétricas. O termo rede social refere-se ao conjunto de pessoas em uma população e suas conexões.

Deste modo, as relações (conexões) entre pessoas e organizações/instituições, estabelecendo acordos de cooperação, alianças e reciprocidade, integram a prática em rede. Tal exercício, de seu lado, ajuda a transformar as relações sociais, as formas de aprender, trabalhar e atuar sobre a realidade, uma vez que seu funcionamento depende, necessariamente, de um processo de interação, discussão e elaboração coletiva.

Nas redes sociais existe, portanto, a valorização das relações, que são iniciadas a partir da tomada de consciência de uma comunidade e de interesses entre seus participantes. Nos espaços sociais formais, as redes são caracterizadas pelas organizações a que os atores estão ligados, ou entre si por funções definidas, que são desempenhadas de acordo com normas que orientam suas práticas e discursos. As funções ocupadas pelas pessoas nesses espaços formais estão associadas, também, a atributos que permitem situá-los na escala de *status* sociais.

A rede pode configurar-se, ainda, como um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. Nesse domínio, movimentos promovidos por ONGs, igrejas, grupos de jovens e outras associações da sociedade civil transformam as redes em um espaço público fundamental que possibilita novos caminhos para interação política, social e econômica, propiciando, assim, o fortalecimento das demandas dos atores da sociedade civil, que conseguem contornar a desigualdade de recursos, desenvolvendo estratégias de luta mais eficazes.

Nesse campo, as redes propõem sentidos alternativos à cidadania e à política, mediante a valorização da idéia de solidariedade. Surgem, assim, múltiplas ações e projetos de recuperação da solidariedade, com forte ênfase nos deveres dos cidadãos, valorizando, sobretudo, a responsabilidade social das pessoas para

com a comunidade. Por meio da participação e do trabalho de colaboração, as redes possibilitam a identificação de interesses e objetivos comuns.

De acordo com Martinho (2003), é mais freqüente as redes surgirem a partir de uma descoberta coletiva da necessidade de ação articulada entre atores diversos, numa situação, em geral, que apresenta já os componentes de proatividade, participação voluntária, cooperação, multiliderança, decisão compartilhada e democracia.

Muitos autores (FRANCO, 1994; NOVAES e KRANZ, 1998; LANDIM, 1998, entre outros) valorizam essas iniciativas que representam, sob sua óptica, o surgimento de um "estado de fermentação social" que tende a instaurar uma nova e positiva dinâmica na sociedade brasileira.

A dinâmica promovida pelas redes sociais pode ser estudada por meio de uma representação gráfica. A visualização das posições de cada membro da rede, bem como de sua estrutura geral, caracteriza a Metodologia de Análise de Redes. Também é possível estudar as redes, visando a entender como esta se comporta e como as conexões influenciam em sua dinâmica de funcionamento.

Sobre o tema Barbosa et al (2000, p.6) escrevem:

> A análise de redes sociais baseia-se no pressuposto da importância das relações entre unidades que interagem, isto é, relações definidas como ligações entre unidades constituem componente fundamental das teorias de redes.

De acordo com Marteleto e Silva (2004), a análise de rede, como método, fornece instrumentos que permitem mensurar e estabelecer deduções a respeito das propriedades das redes sociais, como também esta ordem metodológica pode ser aplicada no estudo de situações e questões sociais diferentes. Permite conhecer as interações de qualquer classe de indivíduos, seguindo uma série de técnicas de ordenação das informações dessas pessoas, representadas por um grafo ou rede.

As autoras escrevem, ainda, que pesquisadores dos vários campos de conhecimento têm interesse nas teorias das redes sociais, uma vez que deram origem a diversas metodologias de análise, que possibilitam compreender o impacto das relações entre os indivíduos sobre a vida social.

O fato de se conhecer a interação dos indivíduos em suas práticas cotidianas de socialização permite inferir sobre sua posição na sociedade e suas possibilidades de buscar recursos. Assim, a análise das redes sociais desloca o indivíduo para posições concretas em determinada sociedade, de acordo com os padrões de estruturação das redes em que estão inseridos. A esse respeito, escreve Wellman (1983):

> A análise de redes sociais parte do princípio de que o problema central dos estudos sociológicos é a noção de estrutura. Coloca-se maior ênfase na análise dos condicionantes estruturais da ação. O caminho mais direto para o estudo da estrutura social é a análise dos padrões de laços que ligam as pessoas. A análise de redes busca as estruturas profundas de sociabilidade – padrões regulares de redes - existentes por baixo dos sistemas sociais. Tenta-se descrever estes padrões e usar estas descrições para aprender como as estruturas de redes condicionam comportamentos e influenciam mudança social. (P.160).

De acordo com Oliveira (2000), mediante estudos das redes, pode-se mapear as relações entre indivíduos ou grupos, iniciando-se pelos contatos diretos, ou estudá-los a partir das variáveis intensidade, tamanho, freqüência e qualidade dos contatos.

Nesse sentido, a análise das redes sociais parte de duas grandes visões do objeto de estudo: na primeira, a perspectiva é na relação estrutural da rede com o grupo social, um grupo determinado, enquanto na segunda o foco está no papel social de um indivíduo, sendo compreendido tanto por meio dos grupos (redes – *clusters* ou cliques) aos quais ele pertence, como também mediante as posições que

ele ocupa nessas redes (WATTS, 2003; DEGENNE; FORSÉ, 1999; WELLMAN, 1988; WELLMAN, 2001; WELLMAN, 2003; GARTON *et al,* 1997).

Marques (1999) destaca o fato de que

> Este tipo de análise permite a realização de investigações sofisticadas e diretas sobre os padrões de relação entre indivíduos e grupos, aproximando-nos dos tão decantados microfundamentos da ação social sem a perda de visão da estrutura. (P.02).

3.2 Redes e suporte (apoio) social

Diante das questões socioeconômicas e de saúde da população ressalte-se a importância de medidas para se lidar com esta situação. O suporte social, ou, como é referido por muitos autores, o apoio social, refere-se, com efeito, a um processo mútuo, inter-relacionando o indivíduo e sua rede de apoio de modo dinâmico, no sentido de promover o bem-estar físico e psicológico.

Nas perspectivas de Barrón (1996) e Vaz Serra (1999), o apoio social, além de ser uma eleboração teórica, é também uma dinâmica, que envolve a troca entre indivíduos e as suas redes sociais, satisfazendo as necessidades sociais e promovendo a autonomia para atingir e reivindicar novos objetivos.

A esse respeito, Andrade e Vaitsman (2002, p.4) acentuam:

> O apoio social que as redes proporcionam remete ao dispositivo de ajuda mútua, potencializado quando uma rede social é forte e integrada. Quando nos referimos ao apoio social fornecido pelas redes, ressaltamos os aspectos positivos das relações sociais, como o compartilhar informações, o auxílio em momentos de crise e a presença em eventos sociais.

O suporte social caracteriza-se como uma categoria teórico-metodológica que surgiu nos EUA, nos debates sobre saúde pública, como *social support,* tendo

como função a manutenção da saúde, prevenção das doenças e a própria recuperação. Desse modo, pode ser definido por grupos e/ou pessoas que se conhecem e oferecem algum tipo de informação e/ou ajuda material que possam resultar em saúde e bem-estar (VALLA, 1998, VALLA 1999),

A partir dos anos 1970 foi que o apoio social se constituiu como um quadro teórico e consistente. De acordo com Martins (2005), inúmeros estudos, voltados principalmente para a Psicologia Comunitária, foram decisivos para o desenvolvimento do conceito. Tais investigações foram relevantes, tanto na abertura de caminhos ao desenvolvimento e compreensão do apoio social, como também por possibilitarem o conhecimento dos efeitos sobre a saúde e bem-estar de tipos de relações diferentes - relações íntimas à integração social (CASSEL (1974), COBB (1976), BARRÓN (1996), VAUX (1988), FARIA (1999), VAZ SERRA (1999), MATOS e FERREIRA (2000).

Para Ribeiro (1999) e Paixão e Oliveira (1996), atualmente o tema do apoio social é um dos principais objetos de estudo da Psicologia da Saúde, provocando o interesse de áreas de investigação diferentes das Ciências Sociais e Humanas.

Como agente de integração, o apoio social pode, sobretudo, romper o isolamento individual, minimizando os riscos de exclusão social e, conseqüentemente, danos à saúde, por meio de medidas de Promoção de Saúde. No contexto brasileiro, a dificuldade de sobrevivência tem como suporte essas redes sociais, visto que, muitas vezes, é a única possibilidade de ajuda com que as famílias carentes podem contar para ajudar a aliviar os problemas do dia-a-dia.

De acordo com Valla (1999), a proposta do apoio social atua como ponte para rever os conceitos médicos, porquanto o apoio social oferece a possibilidade de

realizar a prevenção por meio da solidariedade e do apoio mútuo, como também motivar os grupos sociais sobre o seu destino e autonomia perante a hegemonia médica.

Nesse contexto, de acordo com Cassel (1976) e Cobb (1976), o suporte social fornecido pelas redes sociais pode ser benéfico à saúde, proporcionando proteção contra o aparecimento de doenças, reduzindo o isolamento e aumentando a satisfação de viver, oferecendo, assim, melhorias de saúde física, mental e emocional, isto é, na medida em que o indivíduo sabe que é amado, estimado e valorizado pelos membros de sua rede social, esta informação funciona como um amortecedor de estresse com capacidade de proteger de estados patológicos e prevenir a doença mental.

Na concepção de Nunes (1999), vários são os conceitos utilizados para definir apoio social, dentre os quais: apoio instrumental e emocional, *feedback*, aconselhamento, interação positiva, orientação, confiança, socialização, sentimento de pertença, informação, assistência maternal etc.

Ainda acerca do conceito, Valla (1999) define apoio social como:

> Qualquer informação, falada ou não, e/ou auxílio material oferecidos por grupos e/ou pessoas que se conhecem e que resultam em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos trata-se de um processo recíproco, ou seja, que gera efeitos positivos tanto para o recipiente, como também para quem oferece o apoio, dessa forma permitindo que ambos tenham mais sentido de controle sobre suas vidas. (P.04).

Para Landim et al (2003), o suporte social é expresso de várias formas. As autoras concordam com a seguinte classificação:

> Suporte emocional – referindo-se aos sentimentos de estima, aceitação, apoio e segurança;
> Suporte material ou instrumental – referindo-se à ajuda concreta em termos de serviços específicos que propicia ajuda material, financeira, etc.

> Suporte educacional ou informativo – referindo-se às informações e conselhos para maior compreensão dos problemas.

Nesta perspectiva, as redes de suporte social são aquelas que propiciam e estabelecem interações e comunicações francas, claras e solidárias, possibilitando um efeito positivo à saúde física, emocional e espiritual dos indivíduos. Bem assim, favorecem o fortalecimento do sentimento de pertença. Desse modo, na concepção de Goes *et al* (2004), o suporte social surge como estratégia analítica cuja prioridade é a rede social no seu todo e o suporte disponibilizado por essa rede.

As pesquisadoras Meireles e El-Aouar (2002) expressam que, com a crise do Estado e a chegada da globalização, surge a necessidade de rever o assunto saúde e prevenção das doenças. E o apoio social que as redes proporcionam tem papel relevante nesse sentido, pois possibilitam, por meio da solidariedade e do apoio mútuo, discussão para os grupos sociais sobre o aumento na capacidade de as pessoas contornarem situações de estresse e de buscarem autonomia na manutenção da saúde, passando a influir tanto sobre as próprias condições individuais de saúde, como nas circunstâncias de funcionamento e atendimento dos serviços de saúde e melhoria das condições de vida em geral.

3.3 O papel das organizações não governamentais (ONGs)

Na atualidade, as organizações não governamentais (ONGs) assumem lugar de destaque na provisão de necessidades coletivas. As ONGs, de acordo com Falconer (1999), foram as primeiras formas de organização coletiva, no contexto social brasileiro, a apresentarem identidade e valores comuns à sociedade, fundamentando-se na negação do assistencialismo e na necessidade de promoção da defesa de direitos.

Em oposição às práticas típicas da caridade e do assistencialismo, Ramos (2004) exprime a idéia de que as ONGs valorizam a competência técnica, ou seja, criam uma categoria de "ativistas profissionais", distantes da militância religiosa, universitária ou partidária, mas guardando conexões com elas.

Conforme ressalta Carvalho (1995),

> As ONGs se caracterizam pela negação de serem antigoverno, antiburocracia, antilucro. Ao se colocarem como entidade reativa, se distinguem das políticas governamentais e da função de atendimento ao público incorporada pelas grandes empresas multinacionais modernas. Fica claro que a iniciativa pública da cidadania se constitui numa governabilidade própria. (P.23).

Nessa perspectiva, as ONGs têm por definição formal a associação de pessoas que se definem como entidades privadas com fins públicos e sem fins lucrativos, identificando-se com a sociedade civil e tendo alguma participação de voluntários.

De acordo com a definição de Fraga (1995), as ONG's configuram-se, historicamente, como um campo de práticas sociais comuns a entidades que interagiram no sentido de apoiar atores sociais emergentes na luta por seus direitos. Assim, tais instituições devem ser compreendidas pelas suas ações e atividades engendradas na esfera pública.

Já na lei das OSCIPS (organização da sociedade civil de interesse público), Lei 9790/90, o entendimento do papel das ONGs é formulado nos seguintes termos:

> É necessário incluir também as chamadas ONGs (organizações não-governamentais) cuja atuação não configura nenhum tipo de complementariedade ou de alinhamento aos objetivos de políticas governamentais, e nem, muitas vezes, de suplementariedade à presença do Estado. Ao lado das instituições que complementam a presença do Estado no desempenho dos seus deveres sociais e ao lado daquelas entidades que intervêm no espaço público para suprir as deficiências ou a ausência da ação do Estado, devem ser também

> consideradas, como de fins públicos, aquelas organizações que promovem, desde pontos de vista situados na Sociedade Civil, a defesa de direitos e a construção de novos direitos - o desenvolvimento humano, social e ambientalmente sustentável, a expansão de idéias-valores (como a ética na política), a universalização da cidadania, o ecumenismo (lato sensu), a paz, a experimentação de novos padrões de relacionamento econômico e de novos modelos produtivos e a inovação social etc. (DOCUMENTO-BASE, 1997, p.12).

Por sua vez, Fernandes (1994) apresenta o entendimento de ONGs como instituições propriamente privadas, mas sem fins lucrativos. Lucros eventuais devem ser reinvestidos nas atividades-fim, não cabendo a sua distribuição, enquanto tais, entre os membros da organização.

De acordo com Ferreira (2005), o surgimento das ONGs, no Brasil, costuma estar associado à vigência do regime autoritário pós-64, período em que o povo buscou meios alternativos de representação, expressando, assim, por outros meios, a sua necessidade de reafirmação histórica, imposta pela nova conjuntura.

Nesse sentido, no Brasil, a abreviação ONG, conforme releva Oliveira (2003), passou a ser utilizada nas décadas de 1970 e 1980, apoiando entidades chamadas “de assessoria e apoio” ou “a serviço dos grupos e movimentos populares”. Por conseguinte, são mediadoras dos movimentos sociais e de apoio às causas populares, com objetivos de promoção da cidadania, defesa de direitos e luta pela democracia política e social. Assim, as primeiras ONGs surgiram em sintonia com as demandas e dinâmicas dos movimentos sociais, com ênfase nos trabalhos de educação popular e de atuação na elaboração e controle social das políticas públicas.

Em seu estudo, Mendonça e Góis (2002) demarcam:

> Em sua gênese, as ONGs tiveram o papel de contestar as ações do Estado, colaborando para o debate e cobrança para e com a sociedade brasileira. A partir da década de 80 vê-se uma redefinição desse papel com as ONGs assumindo o posto de prestadoras de

> serviços. Nesse período verificou-se uma intensificação dos problemas sociais o que resultou numa proliferação de instituições visando ao atendimento às demandas das comunidades mais carentes. Verifica-se então a consolidação de um Terceiro Setor que traz em seu âmago o anseio de suprir as lacunas deixadas pelo Estado e pelo mercado, ou primeiro e segundo setores. Nesse contexto, o Estado passa a ser parceiro dessas instituições e o mercado, via empresas, desenvolve ações de cunho filantrópico, configurando-se assim um novo espaço de debate e promoção de bem-estar para os “desassistidos” pelo sistema capitalista. (P. 211-219).

Entende-se, desse modo, conforme relatam Marteleto e Ribeiro (2001), que a ação das ONGs, além de trabalhar as consciências dos sujeitos das classes populares, incorpora um objetivo mais amplo de assessoria aos movimentos populares que se realiza por uma mediação informacional. Dessa forma, as camadas populares participam, junto ao Poder público, das decisões relativas à elaboração e implantação de políticas públicas na busca de melhores condições de vida. Atuam como parceiras e mediadoras dos movimentos de organização da sociedade civil na luta pela conquista dos seus direitos de cidadania, representando um novo campo de ação política na sociedade, onde se configuram novas práticas de informação e comunicação, formando, assim, uma tríade com o setor público estatal e com o setor privado empresarial. A esse respeito, Oliveira (2003) ressalta que

> As organizações sem fins lucrativos passam a constituir uma forma privilegiada de gestão das políticas sociais. Com isso, as redes tornam a gestão das políticas sociais mais eficazes, canalizando e otimizando a utilização dos recursos disponíveis. (P.17).

Na perspectiva de Neder (1978), as ONGs, inicialmente, foram classificadas como de desenvolvimento social, cidadania e defesa dos direitos humanos; e as ambientalistas, ocupadas com a degradação/preservação ambiental e ecológica no meio urbano e rural, auferindo, dessa forma, visão pública e transparência, ao apoiarem os movimentos e associações comunitárias nas mais

diversas áreas de ação. A partir de então, ampliaram sua credibilidade junto a agências internacionais, não governamentais e governamentais, de apoio a este tipo de atividade.

Em seqüência, Scherer-Warren (1996) sugere que as ONGs compõem um novo setor, separado do governo e do mercado, porém, com fins públicos, não visando ao lucro, sendo caracterizadas como organizações formais, planejadas e estruturadas organizacionalmente, de caráter privado, auto governadas a partir de regulamentos e diretrizes próprios e possuindo participação voluntária de alguns membros.

De acordo com Ferreira (2005), a valorização conferida pelo Banco Mundial e outras instituições ao trabalho das ONGs foi um dos fenômenos que contribuiu para o reconhecimento da sua importância e potencialidades. Em razão da evidência de corrupção, autoritarismos, burocracias e incompetências com o repasse de recursos a governos de países subdesenvolvidos, essas instituições tiveram experiências malsucedidas. Por outro lado, as ONGs mostraram-se honestas, competentes, flexíveis e eficientes. Assim, o Banco Mundial apresentou as ONGs como substitutas da ação governamental no campo do desenvolvimento social.

Dados levantados em pesquisa conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), indicam que o número de instituições privadas sem fins lucrativos cresceu 157% entre 1996 e 2002 (BRASIL, 2002).

Diante do exposto, pode-se asseverar que o Banco Mundial foi a instituição internacional que mais contribuiu para a consolidação e disseminação das ONGs. Consoante tal concepção, Falconer (1999) anota:

> Para o Banco, o interesse em trabalhar com ONGs decorre da sua constatação de que estas organizações podem contribuir para a qualidade, sustentabilidade e efetividade dos projetos que financia. (P.04).

Apesar da crescente evolução e do papel relevante das ONGs como catalisadoras dos movimentos e aspirações sociais e políticas da população brasileira, existe pouca informação disponível sobre essas organizações da sociedade civil brasileira, no que diz respeito à natureza das atividades, conformação institucional, orçamento e fontes de recursos, profissão e funções exercidas por seus quadros, história e ideários. Os dados mais completos, ainda que defasados, foram elaborados pela ABONG, datando de 1996, fornecendo, pois, um panorama genérico e auxiliando na compreensão dos atuais desafios trazidos aos integrantes das ONG's no Brasil (RELATÓRIO GESET, 2001).

Com as transformações do contexto sócioeconômico e político brasileiro, a partir da aprovação da nova Constituição em 1988 - que, dentre outros, introduziu novos direitos socioeconômicos, abrindo espaço para a participação de organizações da sociedade civil em organismos de debates, elaboração e deliberação de políticas públicas - novas mudanças ocorreram no campo das ONGs. Como bem referiu Fraga (1995), tanto a origem quanto os objetivos e as trajetórias destas organizações passaram a ser mais diversificados, havendo um alargamento de sua especificação; novas relações com o Estado; crise nas fontes tradicionais de financiamentos oriundos da cooperação internacional; e novos parâmetros de relação com os movimentos sociais.

Estes novos direitos e espaços de atuação levaram a uma ampliação das demandas e das exigências de trabalho para as ONGs, em que adquirem centralidade em suas ações. Assim, nessa perspectiva de reconfiguração do Estado e da sociedade civil, as ONGs passam a atender tanto à demanda social quanto à

do Estado, estabelecendo, assim, parceria entre o Ente estatal e a sociedade para seu funcionamento e controle.

Convém ressaltar, entretanto, que, como a base de sustentação das ONGs eram as agências de cooperação internacional, haja vista que, por desenvolverem atividades de cunho social sem conotações lucrativas, não produziam recursos financeiros próprios, a escassez de meios financeiros das agências de cooperação internacional e a mudança interna em seus critérios e diretrizes originaram uma grave crise econômico-financeira nessas sociedades, desde que foram instituídas.

Nesse contexto, Saraceno (2005) entende que

> A mudança na forma de financiamento alterou a atuação das ONGs. A escassez de recursos das agências de cooperação internacional e a mudança interna em seus critérios e diretrizes criou um cenário que levou a necessidade de elas gerarem recursos próprios e lutarem pelo acesso aos fundos públicos. Tiveram então que proceder reengenharias internas e externas para sobreviver. Passaram a buscar a auto-suficiência financeira. Tiveram que encontrar/construir ou incrementar caminhos no setor de produção. (P.10).

Diante das dificuldades e mudanças de atuação no contexto das ONGs, surge, então, a necessidade de qualificação de seus quadros. Ainda segundo Saraceno (2005), como forma de administrar recursos para garantir a sobrevivência das entidades, o lema passou a ser eficiência e produtividade na gestão de projetos sociais. Para tanto, passa a ser fundamental o fato de haver profissionais qualificados com a devida competência para elaboração de projetos.

Nesse contexto de atuação, as ONGs enfrentam alguns desafios para dar continuidade e execução aos trabalhos. Pensa Falconer (1999) que o desafio das ONGs resume-se em três níveis: no plano organizacional, na busca da eficiência e da eficácia; na perspectiva setorial, visto que mercado pode ser o principal objetivo

diante do crescimento das ONGs ante o Estado; e as políticas públicas, já que a resolução de problemas públicos deve ser o principal objetivo.

Na compreensão de Armani (2000), o grande desafio das ONGs consiste na reestruturação administrativa, em buscar novas fontes de financiamento, bem como maior eficiência e eficácia institucional. Para tanto, alguns valores mínimos precisam se fazer presentes na maioria das organizações. Entre estes, deve estar o compromisso com novos patamares de eficiência organizacional, transparência e responsabilidade pública (‘accountability’).

Desse modo, há consenso sobre a idéia de que o campo de atuação das ONGs é bastante vasto, o que representa mais um desafio a ser enfrentado para delimitar seu terreno de atuação. Um dos problemas é manter a autonomia perante seus financiadores, tanto o Poder público quanto o privado, ao mesmo tempo atendendo às expectativas da sociedade no sentido de defender as suas causas e também apoiá-las. Para tanto, as ONGs precisam de uma proposta clara, para que não haja inversão do papel entre elas e o Estado e entre elas e o setor privado, sob pena de não responder a contento e ainda fugir dos seus propósitos, cabendo-lhes, pois, um papel meramente de coadjuvantes desses dois setores.

De acordo com Fraga (1995), apesar de as ONG’s e os movimentos sociais constituírem grandes parceiros, a participação de instituições não governamentais como representantes da sociedade civil é bastante criticada pelos movimentos sociais, pois as ONGs não representam nenhuma parcela da sociedade, embora haja o reconhecimento da importância dos trabalhos desenvolvidos.

Outro caso questionado é o caráter da não-lucratividade das ONG’s que, no entendimento de Montaño (2004), grande parte dos recursos repassados do

Estado para algumas organizações não chega aos seus destinatários finais. Nesse sentido, o autor assinala:

> Nisto podemos até considerar o “salário” de altos funcionários de muitas organizações; aquelas chamadas popularmente de “pilantrópicas”: alguém bem relacionado monta uma ONG, e daí consegue financiamento, a maior parte do qual se destina a seu salário como gerente ou diretor – aí claramente há uma finalidade “lucrativa”. (MONTAÑO, 2004, p.58).

Por fim, conclui-se que, embora as ONGs passem a assumir papel relevante como manifestações da sociedade civil e parceiras obrigatórias do Estado na concepção e implementação de políticas públicas, ainda há muito a ser feito para que cumpram os papéis para os quais estão sendo convocadas.

4 METODOLOGIA

Consoante lecionam Lakatos e Marconi (1996), “Pesquisar não é apenas procurar a verdade; é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos”.(P. 15). Considerando essa definição, a escolha do método foi conduzido no âmbito do entendimento de que a pesquisa não pode ser havida apenas como um simples processo investigativo, mas que visa a obter compreensões aprofundadas acerca dos problemas estudados, mediante um planejamento minucioso das etapas a serem observadas, contribuindo, por fim, para a resolução do problema.

4.1 Abordagem e tipo de estudo

Para conduzir a investigação, foram eleitos pressupostos da metodologia de análise de rede, que permite se contemplar aspectos das abordagens quantitativa e qualitativa nas etapas de coleta, organização e análise dos dados.

Muitos debates acerca da integração entre as abordagens qualitativas e quantitativas ocorrem no contexto da investigação científica brasileira, no sentido de somar as vantagens do método quantitativo com as do qualitativo. Vários estudiosos da metodologia advogam essa atitude (GOLDENBERG, 2000; MINAYO, 1993; TANAKA; MELO, 2004; LANDIM et al 2006), por acreditarem, inclusive, que a complementaridade entre as duas abordagens possibilita ao pesquisador sair do plano dos julgamentos acerca da aparência do que se está avaliando, adentrando os domínios da compreensão e dos sentidos do fenômeno em estudo.

Como método, a análise de rede fornece instrumentos que permitem mensurar e estabelecer deduções a respeito das propriedades das redes sociais,

como também pode ser aplicada no estudo de variadas situações e questões sociais, possibilitando, assim, conhecer a posição ocupada pelos indivíduos e o núcleo de relações constituído ao redor de cada um (SARAVALI, 2004).

Veja-se o que exprime Marteleto (2001) no tocante a este aspecto:

> A análise de redes não constitui um fim em si mesma. Ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar em que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados. O objetivo é demonstrar que a análise de uma díade (interação entre duas pessoas) só tem sentido em relação ao conjunto das outras díades da rede, porque a sua posição estrutural tem necessariamente um efeito sobre sua forma, seu conteúdo e sua função. Portanto, a função de uma relação depende da posição estrutural dos elos, e o mesmo ocorre com o *status* e o papel de um ator. (P.3).

A pertinência da aplicação desse tipo de análise no presente estudo decorre, pois, do fato de as relações, definidas como ligações entre unidades, serem (como descrevem Barbosa, Byington e Struchiner (2000)), componentes fundamentais das teorias de redes, propiciando a realização de uma análise baseada nas relações dos sujeitos investigados, no que tange às suas características e significados para a rede que constituem. Marteleto (2001) ratifica essa opção, quando expressa que a análise de rede fornece instrumentos que permitem mensurar e estabelecer inferências a respeito das propriedades das redes sociais mediante as quais os atores se manifestam, transformando realidades.

4.2 Cenário do estudo

O cenário maior do estudo foi a Comunidade Jardim Bandeirante, inserida no Município de Maracanaú-Ceará-Brasil. De acordo com dados da sua Secretaria Municipal de Saúde, até o ano de 2002, a comunidade Jardim Bandeirante possuía um contingente de 5.426 pessoas, sendo 305 idosos (acima de 60 anos), 2.587

adultos (entre 20 a 59 anos), 1.315 adolescentes (dez a 19 anos), 1.157 crianças (um a nove anos) e 62 bebês de menos de um ano de idade. A comunidade está localizada próxima a uma zona industrial, sendo suas principais fontes de renda a indústria e o comércio.

Na Comunidade, elegeu-se como campo de coleta de dados o espaço físico onde funciona a organização não governamental (ONG) em fase de implantação, denominada Rede de Integração Familiar e Comunitária (RIFAC), objeto desta investigação. Em seu estatuto, a RIFAC não deixa claro qual é sua população-alvo, mas aponta como meta: “cooperar para a integração e melhoria da qualidade de vida das famílias da comunidade, através de projetos sociais dirigidos para áreas de saúde, educação, profissionalização e formação de lideranças comunitárias”.

O espaço ocupado pela RIFAC faz parte de uma Casa de Formação da Igreja Católica. Por ocasião da pesquisa, esse espaço era também utilizado pelo “Projeto Vida”, existindo formalmente como uma instituição de caráter filantrópico, voltado a trabalhos da Pastoral da Igreja e que funciona independente da RIFAC.

Consta o espaço de uma cozinha utilizada na preparação de lanches dos grupos de encontro e refeições em períodos festivos; uma sala ocupada pelo Projeto Vida, contendo 11 computadores; um campo de futebol e outras modalidades esportivas, onde estas se desenvolvem; duas salas onde são atendidos os profissionais/acadêmicos voluntários das diversas categorias (psicólogos, médicos, enfermeira, fisioterapeuta), um salão amplo para realização de reuniões e palestras e mais uma sala destinada à realização de cursos: pintura, crochê, tricô, bordado etc.

4.3 Sujeitos participantes

Foi considerado como grupo informante do estudo um contingente de 55 pessoas na faixa etária entre 38 e 87 anos, sendo que 53 delas integram a comunidade e se subdividem em 31 mulheres e 12 homens. Os dois outros participantes são o seminarista que atua como apoio nas dinâmicas de grupos e a coordenadora da RIFAC. A escolha dos informantes decorreu do fato de estes participarem da rede desde a sua origem.

4.4 Coleta dos dados

Os indicadores foram recolhidos durante os meses de julho e agosto do ano de 2006, por meio da história oral. Para eleger a história oral, levou-se em consideração o fato de que, em pesquisa, a técnica de recolha de dados a ser utilizada deve ser a que melhor corresponda ao que o pesquisador objetiva na sua busca. Tem como princípio produzir versões do mundo, sem perder a noção de que o conhecimento é sempre uma elaboração do coletivo, ou seja, uma formulação da realidade. Desta feita, no primeiro momento, como técnicas de coleta de dados, adotou-se a história oral para responder ao objetivo de conhecer a história de surgimento e evolução da rede social. Para orientar essa fase da tomada de dados, formulou-se a seguinte pergunta geradora: se você fosse contar a história do grupo (entenda-se grupo aqui como a RIFAC) e essa história fosse dividida nos capítulos “o início de tudo”, “o que mudou com o tempo” e “o que acontece hoje”, o que teria a narrar em cada um desses capítulos (pontos positivos e negativos, as dificuldades encontradas, que mudanças aconteceram etc.)?

A coleta das histórias ocorreu de forma individual, em local e hora agendados, previamente, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Em respeito aos limites físicos e psicológicos dos respondentes, o tempo de duração da entrevista não ultrapassou uma hora. Quando esse lapso foi excedido, o entrevistado foi solicitado a parar e a entrevista foi retomada em momento posterior.

Para que o entrevistado não repetisse seus relatos, foi usado recurso do gravador, de maneira que, antes do reiniciar entrevista, pesquisadora e entrevistado ouviram juntos a gravação feita no encontro anterior e o entrevistado continuou seu relato de onde parou. Quando se sentiu necessidade e, em outro momento, por solicitação de alguns entrevistados, relatos já gravados foram retomados com o objetivo de complementação.

Ainda foram adotadas a observação participante e a pesquisa documental. A importância da técnica da observação está na possibilidade de captar vários detalhes, situações ou fenômenos diretamente ligados à realidade. Assim, a identificação do modelo e de atendimento e dos principais elementos da organização responsáveis pela adesão/fixação da clientela, prevista no objetivo específico de número 2, foi feita por meio de consulta aos documentos em arquivo na RIFAC (estatuto, registros históricos, atas de reuniões etc.), bem como por meio da observação participante. Tais procedimentos foram favorecidos pelo fato de a pesquisadora atuar na Organização, na qualidade de presidente e como psicóloga clínica.

Os dados de observação participante foram registrados em diário de campo. Acerca desse recurso, Minayo (1993) escreve:

> [...] esse diário é um instrumento ao qual recorremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um “amigo silencioso” que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas

> percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. (P.63).

O terceiro objetivo - "*investigar a configuração sociométrica em termos de relações entre membros e dinâmica grupal*" - foi respondido por meio do teste sociométrico. Nessa fase, pelo fato de a definição de rede ser muito ampla, importa diferenciar a "rede social significativa ou rede social pessoal", que, além das relações familiares, de amizades, de trabalho ou escolares, inclui as vinculações intragrupo, objeto desse estudo. Sluzki (1997) define rede social pessoal como:

> [...] a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou que define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para a sua auto-imagem [...] (P. 41).

A sociometria é o levantamento, em um sociograma, adotado na metodologia de análise de redes por propiciar ferramentas capazes de originar os mapas (sociogramas) que permitirão visualizar/investigar a organização das pessoas nos grupos, em função dos tipos de relação e da posição que elas ocupam nestes grupos, bem como a constituição/evolução dos diferentes papéis que os indivíduos vão assumindo na relação com os demais membros dos grupos.

O sociograma, como mapa, é uma representação (gráfica) dos intercâmbios, que deverá se assemelhar a um circuito de inter-relações dos atores que integram a RIFAC. De acordo com Moreno (1972), essas inter-relações estabelecidas na rede são conseqüências dos processos de atração e rejeição das correntes afetivas criadas entre os indivíduos.

A aplicação do teste sociométrico na realidade da RIFAC ocorreu durante encontros, dentre aqueles normalmente programados pela Coordenação para acontecerem, nas tardes de sábado e no espaço físico costumeiramente utilizado.

Muito embora Moreno (1972) defenda a importância de trabalhar o teste nas suas modalidades “objetiva” e “perceptual”, neste estudo interessou apenas a forma objetiva, em que cada participante responde a um instrumento constando de três colunas. Na primeira coluna, apresentam-se os nomes de todas as pessoas que participam da RIFAC; na segunda, orientações para assinalar uma de três escolhas possíveis (*positiva, negativa* ou *neutra), considerando o que* melhor qualifica a forma de pensar de cada um dos participantes a respeito dos demais atores da rede. Na terceira coluna, é solicitada uma justificativa para a escolha feita (ver anexo 1).

O propósito é o de obter-se, de acordo com Moreno (1972; p.91), “uma perspectiva de conjunto das estruturas do grupo tal como aparecem aos olhos de seus membros”.

Para a realidade deste estudo, as escolhas positivas estão relacionadas ao grupo dos aceites (escolhas), traduzindo índices elevados de impacto social e de positiva preferência social. As escolhas negativas simbolizam as “rejeições” - grupo dos rejeitados - ou seja, aquele qua apresenta índices baixos de preferência social e elevado impacto social e efetivamente é do desagrado do grupo de pares. Por fim, as escolhas neutras representam o “grupo ambivalente”, do qual decorrem índices negativos de preferência social e baixo impacto social, podendo ser considerado como o grupo dos «rejeitados passivos», cuja presença é indiferente para o grupo de pares (BUSTOS, 1979).

A fase seguinte de aplicação do teste foi a realização dos sociogramas, como a "síntese gráfica” das escolhas dos indivíduos. Essa fase culmina com o retorno da pesquisadora ao grupo de informantes, de maneira a permitir que estes conheçam seu sociograma e possam observar como são vistos pelos demais, redirecionando, a partir de então, as relações e a dinâmica grupal (SARAVALI,

2004). Durante esse retorno, é importante atentar para a necessidade de o teste sociométrico atender ao propósito de “reorganização de vínculos e a distribuição de tarefas”. (KAUFMAN, 1992, p. 68-69).

4.5 Organização e análise dos dados

Durante análises, os dados representados pelo conjunto de falas oriundas dos relatos foram organizados de maneira que os relatos de uns entrevistados foram se somando aos de outros até se obter uma estória a mais próxima possível da realidade, trazendo luz, assim, ao fenômeno de surgimento e consolidação da RIFAC em termos de suas motivações, elementos originais que sobrevivem, modificações com o decorrer do tempo, elementos novos que se acrescentam, conflitos que caracterizam seu desenvolvimento, tipos de ações e de participações, dentre outras.

O processamento e apresentação dos dados necessários à elaboração do mapa sociométrico foram realizados com o auxílio de dois programas computacionais: UCINET 6.123, para entrada e manipulação dos dados; e NetDraw 2.38, que acompanha o primeiro, para visualização do mapa da rede (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2006). As exatas etapas de todo esse processo podem ser assim sintetizadas: seguindo-se à devolução dos questionários foi feita codificação dos nomes dos atores estudados de acordo com a abreviatura “At.”, simbolizando a palavra “Ator”, e em seguida numerados de 1 a 55 (ex.: At1, At2, At3 etc). Em seguida, os dados foram separados segundo especificidades do conteúdo e inseridos no *software* UCINET 6.123 na forma de matrizes. Após as matrizes feitas, estas foram transferidas para o *software* NetDraw 2.38 para que o mapa da rede

fosse gerado. Ainda utilizando-se das matrizes e do *software* UCINET, restaram obtidas as características estruturais, como tamanho e densidade. Após terem sido identificados os atores centrais na rede, bem como todas as medidas anteriormente citadas, juntamente com a visualização do mapa da rede, procedeu-se com as inferências, com o auxilio do enfoque que contempla os aspectos quantitativos e qualitativos na análise das relações interpessoais do grupo.

4.6 Critérios éticos

Firmou-se compromisso com os aspectos éticos durante todas as etapas da pesquisa, atendendo, assim, às exigências éticas e científicas fundamentais, vinculadas aos princípios da autonomia, não maleficência, beneficência e justiça.

Considerando o estabelecido pela Resolução n^0 196/96, do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde do Brasil, para realizar a busca envolvendo seres humanos, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, tendo sido aprovado para aplicação em 2006.

A fase de coleta de dados somente ocorreu após os devidos esclarecimentos acerca do propósito da investigação e da conduta ética adotada pela pesquisadora, em que foram explicados, de maneira clara e compreensível, os objetivos da pesquisa, inclusive para resguardar a privacidade e assegurar total anonimato aos informantes.

Foram garantidos os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. O aceite de participação do sujeito foi solicitado por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

5 RESULTADOS

5.1 “O início de tudo” sob o ponto de vista da coordenadora do grupo [*]

A temática “velhice” faz parte da minha vida desde a infância, uma vez que sempre lidei muito de perto com pessoas idosas, algumas delas da minha família, e muitas outras estranhas a quem eu ajudava por meio de trabalhos assistenciais, em particular os ligados à Igreja Católica.

Foi, entretanto, durante o curso de Graduação em Psicologia, realizado entre 1997 e 2002, mais exatamente durante a disciplina de Pesquisa I, que despertei para sistematizar um aprendizado acerca do que é o Ser idoso e formalizar uma prática mais consciente, orientada pelas muitas leituras às quais me dediquei, e também pelas observações que passei a fazer do cotidiano dos idosos em situações variadas: em atendimentos nos serviços de saúde, no convívio com seus membros familiares e nas relações em comunidade. Instigava-me a constatação de como esse grupo populacional há muito é ignorado como não tendo um espaço para ocupar na sociedade, e de como essa mesma sociedade sustenta um estereótipo de acordo com o qual o “velho não tem mais nada para oferecer”, merecendo, portanto, ficar alheio aos processos e a qualquer tipo de participação familiar/comunitária. No que diz respeito à participação familiar, ocorre, via de regra, uma manipulação da pessoa idosa, quando a aposentadoria, pensão ou benefício qualquer é algo desejado como uma complementação do orçamento familiar, ou muitas vezes configura o próprio orçamento. Também os idosos são os escolhidos para realizar aquelas atividades de que as pessoas ainda produtivas (do ponto de vista sócio-financeiro) não podem se

[*] Nesta seção, por se tratar do discurso referente a minha pessoa (em parte), cumpre-me abandonar a forma impessoal de tornear, adotando o relato vazado na primeira pessoa do singular, como não poderia deixar de ser. Em algumas ocasiões, o texto, porém, por exigência contextual traz a 1ª pessoa do plural.

ocupar: cuidar das crianças ou de componentes familiares doentes, alimentar os animais de estimação da casa etc.

Concordo com alguns autores quando apontam para o risco de a visão predominante sobre o idoso ter uma influência tal ao ponto de os próprios passarem a adotar para si uma atitude de auto-exclusão, com sérias conseqüências para a execução de práticas de autocuidado e atividades da vida diária que se voltem para sua pessoa (BOTH, 2000; FRAIMAN, 1995; GOUVEIA, 2002; NÉRI, 2001; ZIMERMAN, 2000).

Em função de tudo isso, tracei os primeiros questionamentos, na expectativa de que eles me conduzissem no interior de um estudo que usaria a realidade de pessoas idosas vivenciando a sociedade cearense: que visão a sociedade cearense tem da velhice? Da parte do idoso, será que prevalece uma auto-imagem positiva, ou a esta corresponde à realidade vivida pela maioria dos idosos, como se tratando de pessoas que não têm mais colaboração a dar, não reúnem condições de engajar-se em atividades produtivas (tanto laborais, como de lazer)? Onde estão e como se apresentam as iniciativas de fortalecimento/ empowerment do idoso, e que tipo de contribuição efetiva trazem na realidade local?

Na busca de respostas a esses questionamentos, fui levada a participar e a me interessar pelas vivências em grupos de socialização, voltadas para as ações de “acolhimento de idosos”. A partir do início dos anos 1990, esses grupos vêm se multiplicando em Fortaleza, como em todo o resto do Estado e do Brasil, estimulados e favorecidos por políticas públicas – como a regulada pela Lei 8842, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e tem como objetivo assegurar seus direitos sociais (BRASIL- MS, 1996) – e também existentes em função de iniciativas da sociedade civil como os projetos do SESC, dentre outros.

A descoberta da existência desses grupos de socialização veio situar-me diante de uma nova face da temática, aquela que contradiz a literatura especializada predominante, assim como a crença de que não existe mais interesse no idoso, ou no tipo de contribuição que ele tenha a oferecer dentro dos sistemas sociais. Durante os meses de agosto a outubro de 2000, freqüentei os grupos denominados Melhor Idade, Grupo de Idosos Irmã Alice e grupos do SESC, cujas atividades se desenvolvem em bairros da periferia de Fortaleza. O aprendizado junto aos referidos grupos de socialização possibilitou a elaboração da monografia de conclusão do curso de graduação em Psicologia, que aborda o tema: *Velhice e Sociabilidade:* a Experiência de Grupos Destinados à Terceira Idade.

Ainda, cursando as disciplinas, estágio obrigatório, de Psicologia Escolar I e II e Psicologia Organizacional I e II, no Curso de Psicologia, surgiram a oportunidade e o convite, por parte de um líder religioso da Igreja Católica, também aluno do mesmo curso, para realizar (na comunidade da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Jardim Bandeirante – Pajuçara-Maracanaú, região metropolitana da Cidade de Fortaleza-CE) o projeto desenvolvido na Disciplina com fins de caracterizar uma atividade prática (um estágio) junto a idosos. O grupo de trabalho constituiu-se então, na época, de três participantes, sendo eu, o citado colega religioso e mais uma condiscípula de turma convidada para integrar o grupo, dada sua manifestação de interesse em realizar a modalidade de trabalho comunitário nos moldes do que foi planejado para ser executado.

No primeiro contato com a comunidade, foi feita uma reunião com duas senhoras bastante conhecidas na comunidade, sendo que uma era líder comunitária. Falamos do nosso propósito e elas se prontificaram a ajudar. Assim, esse contato inicial com a comunidade foi realizado para convidar os idosos a

aderirem de forma voluntária à proposta de constituir um grupo que, a partir de então, teria agendados dias para encontros e atividades para executarem. Foi elaborada para esse fim uma carta-convite, endereçada a cada residência onde havia um idoso. Constava no texto as apresentações da equipe de trabalho e dos seus objetivos, finalizando com o convite para o idoso comparecer a uma reunião com fins de formar um grupo e de proceder com encaminhamentos/deliberações das ações de consolidação do referido conjunto.

Foram muitos os idosos que, naquele momento, responderam à carta-convite, outros foram gradativamente aderindo à proposta, de forma a se poder contar com a média de vinte e cinco idosos inseridos em atividades, logo nos primeiros encontros agendados. Durante um levantamento de interesse/necessidade, e de fatores motivantes da participação de cada um no grupo, levantou-se o seguinte depoimento-síntese:

> *"Esse projeto será bem-vindo dentro da realidade que vivemos, ou seja, não temos vida social, participação dentro comunidade e, muitos de nós não é aceito nem pela própria família. Só somos valorizados no dia do recebimento da nossa aposentadoria."*

Os primeiros encontros e atividades serviram ainda ao propósito de contextualizar a realidade socio cultural dos idosos, adequar todo o projeto a essa realidade, como também às expectativas e interesses do grupo, ou seja, buscou-se respeitar o que os idosos traziam como solicitação/sugestão, o que gostariam de realizar e de aprender. A base do projeto, que se voltava para atingir os objetivos socio educativos, contribuindo com a melhoria na saúde e qualidade de vida, permaneceu, tendo-se realizado adaptações às inclinações e aspirações da equipe constituída.

Desta forma, foi discutida a necessidade de um cronograma de atividades a serem realizadas, o qual teve elaboração coletiva. Nesse cronograma, os

participantes do grupo incluíram: realização de eventos/atividades dançantes; sessões de filmes temáticos; realização de passeios a lugares de interesse do grupo; comemorações de datas festivas; oficinas destinadas à criatividade e à habilidade manual e corporal, utilizando técnicas de dramatizações, pinturas, culinária, crochê, confecção de chapéus de palha, vassouras etc. De nossa parte, profissionais da Psicologia, introduzimos atividades de socialização, confraternização e troca de experiências entre os participantes; a estratégia de contar fábulas como forma de promover uma auto-reflexão sobre o envelhecimento e uma aceitação da própria velhice; palestras educativas sobre o auto cuidado e o bem-estar integral, que refletem um envelhecer com maior qualidade de vida; a discussão de textos mais técnicos abordando questões biológicas, psicológicas, existenciais, culturais, econômicas, políticas, meio ambiente e sociedade com enfoque na pessoa idosa, dentre outras ações.

Para realizar este trabalho, louvamo-nos na pressuposição de que os objetivos norteadores de qualquer ação - não somente pedagógica, mas também voltada para a saúde, no sentido mais amplo de prevenção, quando aplicada a idosos - devem levar em consideração alguns pontos fundamentais: permitir a transmissão de novos conhecimentos e valores; atualizar capacidades, potenciais e eliminar o isolamento social-afetivo, como também promover a qualidade de vida e a valorização do papel dos indivíduos no cuidado com sua saúde, de sua família e de sua comunidade.

Toda a dinâmica de grupo culminava para o alcance de objetivos tais como: contribuir para a melhoria da saúde e qualidade de vida, por meio do aprendizado de novos conhecimentos e de comportamentos adequados a um envelhecer mais tranqüilo e saudável; restabelecer contatos sociais por meio de atos

sócio-recreativos, a fim de promover as relações interpessoais não somente no âmbito do grupo, como também na comunidade de um modo geral; promover um pensamento crítico, para atuarem e se posicionarem como cidadãos, em busca de mudanças sociais; adquirir mais conhecimentos e informações, no sentido de ampliar o grau de conscientização do seu papel social no contexto da comunidade; reaver o sentimento de auto-estima e utilidade nas prestações de serviços grupais a fim de promover a (re)inserção socio comunitária do idoso, como atualização de suas potencialidades e aspirações.

Além dos trabalhos retrocitados, eram realizados atendimentos psicoterapêuticos individuais, que aconteciam às quartas e quintas-feiras, desempenhados pelas duas psicólogas, os quais se estendiam também às pessoas da comunidade em geral.

Dentre as etapas de constituição do grupo de convivência, foi obtido um consenso para o grupo ser “batizado” pela denominação “Grupo da Felicidade”. Esse título consensual refletia em muito o sentimento dos participantes. Dadas as repercussões positivas do grupo no interior das famílias e da comunidade, este não mais se desfez, e, mesmo depois de concluídos a disciplina e o curso, continuamos a liderar os idosos em suas atividades de grupo, que passou a ter caráter definitivo. Na atualidade, sua consolidação acontece como um grupo de convivência, denominado “Grupo da Felicidade”, em alusão ao estado de espírito de seus participantes. Está constituído por 55 idosos, sendo 43 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Como segue os princípios da rede informal, não se fecha, permanecendo aberto à entrada de participantes a qualquer tempo.

Os encontros do Grupo aconteciam aos sábados, no horário das 14 h às 18 h. No início era utilizado um pequeno salão cedido pela diretora da única escola

existente na comunidade (Ensino Fundamental). Hoje, o grupo se reúne em espaço cedido pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição.

Em virtude da reforma da escola, o sacerdote-colega nos convidou para ficarmos em um espaço da Igreja. Mudamo-nos, mas surgiu o primeiro impasse, pois o Padre ia mudar de cidade e não sabíamos se o outro vigário concordaria.

Assim, começou a surgir a idéia de construir uma sede para o “Grupo da Felicidade”. As dificuldades eram muitas, pois não tínhamos recursos financeiros. O grupo começou a se mobilizar para arrecadar fundos. Fazíamos bingo, festas e o dinheiro arrecadado era depositado em uma poupança.

A partir deste trabalho, aflorou a necessidade de ampliarmos o projeto para que este ganhe vida própria e se transforme em uma ONG, uma vez que os participantes do grupo estão refletindo e questionando como melhorar a vida na comunidade e como contribuir, de alguma forma, para que ocorram mudanças positivas no circuito comunitário.

Com essas expectativas, o grupo vai ficando cada vez mais comprometido em fazer mudanças, ocasião em que chega à comunidade o supervisor geral da Paróquia, com uma proposta de um determinado trabalho social. Vindo de Minas Gerais, onde já desenvolvia este significativo trabalho, trouxe a idéia de implantá-lo na comunidade e nos convidou para fazermos parcerias; afinal tínhamos o mesmo objetivo: mudanças sociais positivas.

Assim, começou a reforma do espaço que ocupávamos. Foi feito um trabalho de base com todos da Paróquia para conseguir ajuda financeira, bem como recursos da própria Igreja. Todos ajudaram, inclusive algumas empresas privadas.

Nesse intervalo da reforma, reuníamo-nos em locais alternados (casa de uma das participantes e na casa do Vigário). Mudamos algumas dinâmicas em

virtude do espaço, como também parou a dança. Algumas pessoas desistiram, dentre elas a outra psicóloga, bem como alguns idosos. Continuamos firmes, porém, no nosso propósito de atuar na promoção de uma causa que tem compromisso com a saúde e o bem-estar individual e coletivo.

Somente a partir do ano de 2005, com a minha admissão como aluna ao Programa de Mestrado em Educação em Saúde, foi possível iniciar o “processo de registro formal da ONG” (ainda em fase de organização da documentação e de pessoas para fazerem parte do corpo diretor).

Denominada Rede de Integração Familiar e Comunitária (RIFAC), em fase de estabelecimento legal, esta organização tem por objetivo cooperar para a integração e melhoria da qualidade de vida das famílias da comunidade, por meio do desenvolvimento de projetos sociais dirigidos para as áreas de saúde, educação, profissionalização e formação de lideranças comunitárias. Está sendo implantada em espaço que faz parte da Casa de Formação Pe. Júlio Maria, sendo apoiada pelo sacerdote dirigente. Juntos, Igreja e ONG, prestam serviços voluntários à comunidade, em educação para a saúde e bem-viver.

Na atualidade, essa organização incorpora o projeto do Grupo da Felicidade, o qual tem como profissional responsável uma psicóloga. É formado por 60 idosos de ambos os sexos, a partir dos 60 anos, aposentados, de baixa renda e a maioria de semi-analfabetos. As atividades realizadas são: dramatizações, dança, círculos de reflexões (a partir da utilização de fábulas), filmes, palestras, dinâmicas de grupo, passeios e comemorações de datas festivas.

Faz parte da RIFAC também o grupo de adolescentes, coordenado por duas alunas do 9^0 semestre do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza-Unifor. Como atividades, são realizadas as dinâmicas de grupo voltadas para auto

conhecimento e relacionamento interpessoal; e oficinas de teatro, enfocando os principais problemas vivenciados nessa faixa etária: drogas, violência e gravidez, dentre outros.

Para chegar à implantação dessa ONG, ainda existem algumas dificuldades para enfrentar, dentre elas: recursos financeiros (ainda é um dos nossos problemas, pois como a ONG ainda não está formalizada juridicamente, ficamos impossibilitados de buscar recursos, tanto do Governo como de empresas privadas); profissionais e estagiários para se engajarem com trabalhos sociais e voluntários e o quesito distância, pois a comunidade fica um pouco fora da Sede do Município.

Muitos grupos e movimentos comunitários ou sociais atuam informalmente. Aliás, tal funcionamento é a base social de muitas ONGs. Portanto, a motivação de constituir uma ONG parte de uma coletividade que já atua ou tenciona atuar na promoção de uma causa, com o objetivo de contribuir para a consecução de um mundo mais justo, solidário e sustentável.

Hoje, diante do grupo, assumimos o entendimento de que nossa ação primordial é a de recobrar para os idosos e a sociedade em geral os valores e os significados positivos que possuía a “muita idade” para sociedades remotas, ou seja, maturidade de idéias e decisões, acúmulo de experiência, de sabedoria diante da vida, um conhecimento histórico e culturalmente inserido, que auxilia na preservação da memória cultural, da riqueza das tradições etc. Nesse propósito é que faz sentido para nós o emprego do conceito de (re)integração, ou de (re)inserção do idoso nos sistemas (e subsistemas) sociais. É, pensando a concepção do conceito, a devolução para a sociedade de um bem do qual ela há muito se priva: o patrimônio da “experimentação da vida”, que só o passar da idade permite acumular. Nesse sentido, não se está postulando a idéia de que o idoso (re)assuma seus antigos

papéis nos diversos grupos/estratos sociais, pois esses papéis ele já desempenhou em suas devidas fases da vida.

O discurso, em verdade, é o do reconhecimento do papel que o ser humano tem quando atinge idades mais avançadas. O que a esse papel seja creditado todo o valor advindo do reconhecimento de seu significado para a sociedade humana. Pode ser uma questão, também, de constituir valores, atribuir significados, se eles já não mais existirem para as gerações dos jovens.

5.1.1 “O início de tudo” no discurso coletivo

Eu era triste em casa, porque a nossa comunidade do Jardim Bandeirante era uma comunidade muito parada, nada de bom surgia para dar motivação, principalmente para nós idosos, que tínhamos como companhia pressão-alta, tristeza, ficar sempre dentro de casa, sem ter o que fazer ou para onde ir.

O que todos nós queríamos era um meio de diversão para nós que sempre trabalhamos desde novos e agora queremos viver a vida que todos vivem agora, porque nós merecemos muito mais do que todos imaginam, porque somos todos filhos de Deus e merecemos se divertir, ser feliz. O que agente quer é aproveitar a vida. A gente já está cansado de trabalhar e todos os filhos já estão casados e agora é a nossa vez.

Mas como Deus é bom, mandou um de seus filhos para nos ajudar: o Padre Topázio. Foi ele que trouxe a semente e semeou em nossa comunidade. Essa semente se chama dra. Safira e, junto com ela, muito adubo de felicidade.

O primeiro contato se deu em uma tarde, quando o Pe. Topázio me convidou para ir na casa de formação pois havia chegado duas moças que queriam

fazer algumas perguntas sobre a nossa comunidade. Fiquei muito encabulada, pois pensei que era outro padre ou bispo. Nunca tinha visto aquelas moças antes – depois me tornei muito amiga delas, não tinha vergonha de conversar com elas – mas antes disso eu só sabia que elas convidaram eu e a Esmeralda para conversar com elas porque nós trabalhávamos juntas. Nós marcamos uma reunião com elas e os membros do grupo. Então as doutoras contaram que queriam fazer um trabalho com idosos. Nós não sabíamos como fazer para reunir os idosos, nem por onde começar, então o Pe. Topázio nos deu alguns convites para distribuirmos com os amigos, para nós entregarmos nas casas. Bem, para convidar foi fácil. Vieram uma boa parte das pessoas que convidamos. Já foi cadastrado mais de 60 idosos, mas uma boa parte desistiu e alguns morreram. Mesmo com altos e baixos este grupo conseguiu se superar e continuou indo em frente.

As atividades iniciaram em março de 2002. Foi criado o Grupo da Felicidade, onde os idosos aprenderam que ser feliz é uma das melhores terapias. A comadre Ágata foi quem me convidou para o grupo e eu fui, gostei, ainda continuo e não saio mais. Todos receberam a blusa e o crachá. O primeiro ano foi muitas maravilhas, porque tinha muita gente. De dois anos em diante foi modificando, pelos nossos amigos de luta que foram faltando e outros que foram para junto de Deus.

No início as dificuldades foram muitas, entre elas o local de encontro para nossas reuniões aos sábados. Começamos o nosso trabalho no colégio Evandro Ayres de Moura, que ficava no próprio bairro, e nós tínhamos a permissão da diretora Rubi e da vice-diretora Cristal, pessoas muito boas. Ficamos no colégio e as reuniões aconteciam aos sábados; mas nem todos os sábados dava certo ter encontro do grupo, devida as aulas para recuperação e as reunião para os pais dos alunos.

Neste projeto realizamos terapias, como as psicólogas Safira e Ametista eram especialistas, criaram dias de consultas onde elas ouviam os idosos e também a comunidade. Elas ajudaram muitas pessoas a se livrarem de traumas, depressões e medos, que os preocupavam. Fizemos aula de bordado, crochê, chapéu de palhas, danças, teatros, era muito divertido. Logo após tinha o nosso famoso lanche e a nossa oração final, porque a oração era a base de todo o nosso trabalho.

Ia tudo muito bem, mas veio a reforma do colégio, nós ficamos um pouco triste. Penso eu, que uma das dificuldades que durante esses meses o grupo enfrentou foi a de que não estava mais havendo forró, isso diminuiu a quantidade de pessoas frequentando as reuniões do grupo. Ficamos provisoriamente nos reunindo numa creche, mas não deu certo, pois era muito pequena e não dava para fazer os nossos divertimentos. Foi quando o Padre Topázio convidou para que nossas reuniões fossem realizadas na casa de formação. Com as graças de Deus, fomos convidados a fazer nossas reuniões na casa de formação Pe. Júlio Maria. Nós saímos do colégio e estamos na casa de formação há muito tempo. As reuniões são maravilhosas com muitas brincadeiras e muitos amigos. Mesmo quando o Pe. Topázio foi embora, o Pe. Ônix nos acolheu super bem, e continuou a nos ajudar com o nosso projeto.

Fazemos bingos para arrecadar dinheiro para comprar cadeiras e outras coisas que está precisando. Não vejo como um ponto negativo o fato de não termos, ainda, em nova sede, uma oficina de aprendizado onde poderíamos fazer crochê, bordados, tricôs, pinturas e até peças teatrais, mas vejo como obstáculo que juntos iremos vencer. Nesses quatro anos conseguimos muitas coisas, com a graça de Deus que há de nos ajudar sempre, e todos os sábados sei que tenho uma obrigação muito gostosa que é ir para a minha fonte de juventude, que é o nosso

Grupo da Felicidade. Os encontros são animados música e dança, A tarde passa, tão rápido, que ninguém dá fé! É uma tarde maravilhosa com divertimento, quadrilha, bingo, dança e outras coisas. Passeamos muito, fazemos nossos momentos festivos, temos apresentações de teatro mudo, danças, imitamos outras bandas, tem gincanas, danças folclóricas, já passeamos pela praia, ponte metálica, museu da cachaça e mais outros passeios. Tudo isso nos dá uma auto-estima tão grande que até os problemas nós esquecemos.

Quando nos reunimos formamos uma grande família. Sempre a doutora traz pessoas para nos conhecer e para que nós conhecêssemos pessoas novas, sempre maravilhosas.

Hoje, com muito esforço, foi construída nossa "sede". Com o passar do tempo, graças a Deus as doutoras se reuniram com o Pe. Ônix e resolveram fazer uma sede só para as atividades do grupo dentro do terreno da casa de formação. Com o esforço da Dra. Safira e do Pe. Ônix e de outras pessoas que nos ajudaram, nós estamos conseguindo realizar os nossos sonhos e estou muito feliz, pois todos os sábados, aprendemos coisas novas. Agora nós temos um lugar melhor, onde podemos nos reunir, o grupo está perseverando. Com a casa de formação ficou ótimo porque temos nossa sede, para os nossos encontros e brincadeiras. Temos palestras, dançamos, brincamos e esquecemos por alguns instantes dos problemas e de que já não somos tão novos assim, porém muito felizes.

Hoje nós temos um grande grupo, graças a Deus! Nesses quatro anos só aconteceram coisas boas para todos nós idosos, muito carinho e muita diversão e até hoje como todo mundo do grupo vem é só alegria. Aconteceram várias mudanças boas: encontrei várias amigas e tem acontecido várias coisas úteis e especiais para todos nós que estamos no Grupo da Felicidade.

O mais importante de tudo são os vários sorrisos, que é o essencial para o projeto, pois a meta era ver sorrisos nesses pequenos jovens, que só estavam precisando de uma força para voltarem a sorrir. Aprendemos a dançar forró e a nossa quadrilha é muito bonita e comentada na comunidade. Agradecemos a Deus pela saúde, pela coragem, pela força que Deus nos dá, e nós juramos continuar. Cada dia vai chegando pessoas, muitos amigos e legal como nós e espero que milhares de idosos venham se divertir com a gente. Logo nós vamos realizar o nosso sonho de ter a casa do Projeto Vida Júlio Emílio construída, própria para receber a cada um com muito amor e de braços abertos."

5.2 Análise do processo grupal: identificação do modelo de atendimento e principal estrutura organizacional responsável pela adesão/fixação da clientela*

Neste estudo, entende-se o grupo como se tratando de uma rede de apoio social. Uma concepção um pouco mais específica é utilizada, em Sociologia, para se referir a uma comunidade que tem consciência de ter algo em comum e cuja ação é socialmente expressiva (FERRARI, 1983).

Grupo é definido como uma estrutura organizacional caracterizada por vínculos e relações entre pessoas. De acordo com Moreno (1972), denomina-se de estrutura as formas assumidas pela inter-relação de indivíduos; e de organização, a configuração final desses indivíduos no formato de grupo. O mesmo autor esclarece que essas organizações sociais denominadas grupos são responsáveis por determinar com quem e com quantos sujeitos o individuo vai estabelecer contato ao longo de sua vida, sua expansividade emocional.

* Retorna-se, a partir deste segmento do trabalho à forma impessoal do discurso escolhido para elaboração do presente relatório de pesquisa.

Implícito ao caráter de expansividade emocional está todo o processo grupal, determinante dos modos de adesão das pessoas, bem como de ação e permanência delas no interior dos grupos sociais. Nesses termos, buscou-se apoio no psicólogo social Martín-Baró (1989), passando-se a empregar dois princípios apresentados pelo autor, aplicando-os para análise do processo grupal da RIFAC: *1) A identidade* do grupo, ou seja, a definição do que é o grupo, e o que o caracteriza como tal ante outros grupos; 2) *a atividade grupal, bem como* a significação social do que esta produz.

5.2.1 A identidade do grupo

Três aspectos vão ser aqui considerados para analisar a conformação da identidade da RIFAC: a *formalização organizativa; as relações com outros grupos; a consciência de pertencer a um grupo.*

Quanto à formalização organizativa, importante inicialmente é comentar o fato de que nem sempre as condições de formalização dos grupos estão presentes em um *grau elevado,* embora esse aspecto tenha implicações na característica do grupo como sendo mais ou menos eficiente e funcional. Na realidade aqui estudada, identificou-se a noção de que o grupo foi idealizado por uma acadêmica do último ano do Curso de Psicologia, que buscou apoio entre os pares e, durante seus momentos primeiros, exatamente no mês de março do ano de 2002, se apresentava com pouca ou nenhuma organização interna. A adesão dos membros partia de uma decisão pessoal e voluntária.

Do mesmo modo que as pessoas entravam no grupo, podiam também se afastar dele, a depender do interesse unicamente pessoal. Apenas, para dinâmica

de adesão, e pensando nas redes familiar e comunitária, da parte das idealizadoras do grupo, houve um estímulo introdutório, eis que um convite por escrito foi elaborado, foram chamadas algumas das lideranças comunitárias e se fez chegar esses convites às mãos de idosos da comunidade local interessados em participar de encontros. Algumas falas expressam bem essa dinâmica, dentre as quais destacamos:

> *...as doutoras contaram que queriam fazer um trabalho com idosos. Nós não sabíamos como fazer para reunir os idosos, nem por onde começar, então o Pe. Paulo nos deu alguns convites para distribuirmos com os amigos, para nós entregarmos nas casas.*

Uma característica *sui generis* que não pode ser desprezada é a de que, a partir do estímulo primeiro, o grupo passou a se ampliar por iniciativa dos próprios idosos, ou seja, os que já freqüentavam as reuniões convidavam outros, e a adesão de mais membros foi sucedendo dessa forma, a considerar vinculações prévias entre os que ingressavam e os seus pares. Vale salientar que, atuando como uma rede, o grupo não se fecha, permanecendo receptivo ao ingresso de mais participantes, o que favorece essa dinâmica de adesão espontânea dos idosos que se sentem estimulados, normalmente por um membro familiar participante, um amigo, vizinho ou conhecido.

> *Fui convidada pelas amigas para participar do grupo de idosos. Eu fui e gostei muito. Na época eu morava bem perto e os participantes eram todos meus conhecidos.*

Tal dinâmica identificada neste estudo remete a importância das redes de pares, cujos vínculos grupais responsabilizam-se pela consecução social de formações que incorporem as características do grupo aqui estudado. Em outras palavras, na criação de uma rede social, constata-se a importância de considerar as redes sociais prévias, uma vez que estas redes podem favorecer uma seleção da

clientela. Essa lógica é inclusive considerada por Moreno (1972), ao expressar o fato de que os grupos de pessoas tendem a se organizar em função de afinidades entre seus membros, e de acordo com interesse mútuo.

Toda mobilização, como ocorria com as atividades a serem desenvolvidas, era determinada pelas idealizadoras do grupo, que buscavam ajuda em voluntários, quase sempre acadêmicos ou profissionais da instituição a que pertenciam. Cabia aos participantes em geral apenas comparecer aos encontros. Esses encontros não possuíam muita estruturação; no início, a freqüência das pessoas era irregular, embora existisse uma programação estendida e datas agendadas para acontecer durante todo o decorrer de um mês. A esse respeito uma das idealizadoras do grupo se pronuncia:

> *Dado o nível socioeconômico dos participantes, que gera dificuldades em vários aspectos da suas vidas, a freqüência é irregular. Por isso, o grupo é aberto e os encontros são pensados para aquele grupo e aquele dia. Embora em cada reunião seja empreendido algum sentido, este independe do seu encadeamento com reuniões anteriores. Tentamos fazer de cada encontro um ato terapêutico com princípio, meio e fim.*

Não foram identificados, na primeira fase de existência do grupo, registros de quaisquer normas formais rígidas ou estáveis. Ao que fazem transparecer as anotações encontradas em diários pessoais, o mínimo de regras era estabelecido, e diziam respeito a determinar a faixa etária dos componentes do grupo, endereço, dias e horários de reuniões, atividades a desenvolver, dentre outras. Mesmo estas poucas regras eram flexíveis e algumas até passageiras, querendo-se dizer com isso que facilmente poderiam ser quebradas/modificadas ou deixar de existir por solicitação ou considerar a repercussão/aceitação delas pelos membros do grupo.

As atividades predominantemente identificadas, como desenvolvidas pelo grupo, eram as que se convencionou denominar “rodas de discussões”, em que, por

meio de contos e fábulas, se trabalhavam assuntos de interesse dos idosos, tais como: direitos, participação social e principais problemáticas do envelhecimento. As falas confirmam:

> *No começo do trabalho, buscando construir um espaço de confiança e formação de vínculos, abordávamos os temas que emergiam à medida que cada idoso colocava seus problemas. Os membros do grupo contribuíam com suas experiências em situações semelhantes, e daí surgiam várias possibilidades de respostas individuais, de forma acolhedora. A cada encontro, avaliávamos o trabalho e sentíamos sempre a necessidade de mais ferramentas que fossem úteis para a compreensão e o desenvolvimento do grupo. Assim é que foi introduzidas vivências com objetivo de integração, bem como utilizado técnicas e materiais não verbais, tais como textos informativos e fábulas visando à promoção da auto-reflexão e tomada de consciência do seu papel dentro da sociedade, através da aquisição de novos conhecimentos sobre o envelhecimento e uma aceitação da própria velhice.*

De mesmo modo, outro aspecto a ser considerado dentro da análise da formalização organizativa - a divisão das funções, sistematização das tarefas, distribuição de trabalho e atribuições - não é algo que fica evidente como existindo na primeira fase de desenvolvimento do grupo. Constatou-se apenas que, de maneira sempre voluntária, as pessoas em geral se comprometiam com algumas atividades durante os encontros, mas assumir a programação e a organização das ações era uma prática concentrada muito na figura da idealizadora, e no pessoal voluntário que esta conseguia para apoiá-la. Essa inferência é ratificada pela forma "solitária" como se expressa:

> *Há toda uma gama de atividades para que os idosos tenham uma opção, de acordo com seus gostos e necessidades. Estas atividades se dão sob a orientação da coordenadora do grupo. Diante da demanda apresentada pelos idosos, o foco se deslocou da busca da origem e dos efeitos do problema para a maneira como as histórias eram narradas, como se construíam determinados sistemas de crenças e como as emoções presentes nas narrativas informam as ações. Dessa maneira, os idosos foram desenvolvendo o olhar sobre si mesmos nas relações e no contexto com o outro.*

Na medida em que o grupo foi se consolidando, foram também aparecendo outras demandas, de maneira que passou a constar de programação semanal o atendimento psicoterapêutico individual; este não só estava direcionado aos idosos do grupo, como também foi estendido à comunidade em geral. Há registros de que duas psicólogas voluntárias trabalhavam com essa proposta.

Em função dessa implementação de atividade no grupo, já se passava a verificar traços de formalização nas atividades grupais, quando foi criado um calendário de encontros, ficando reservadas as tardes de sábado (das 12 às 17h30 min) para dar continuidade aos encontros que o grupo já vinha realizando, e os dias das quartas e quintas feiras, nos turnos manhã (das 9h às 12h) e tarde (das 13h às 17h), para acontecerem os atendimentos psicoterapêuticos - estes previstos para serem realizados de forma individual.

Fazia ainda parte da formalização de regras estabelecidas para o atendimento psicológico priorizar os componentes do grupo, uma vez que, sendo psicólogas as pessoas que estavam à frente das atividades, sentiu-se a necessidade de utilizar o atendimento individual para trabalhar transtornos como a depressão, dificuldades de socialização e outros dessa ordem que pudessem comprometer a convivência e as atividades grupais. Assim, um caderno de registro foi inserido na rotina, e nele passaram a ser assentados os nomes das pessoas com fins de atendimento, sua queixa, idade, procedência e a informação de pertencer ou não ao grupo de idosos.

Com o decorrer do tempo, nos atendimentos psicoterapêuticos, o caderno de registros foi abandonado, e em seu lugar implementado o “Roteiro de triagem” (Apêndice D). Usado nos atendimentos individuais, contava com campos específicos para registros de interesse das psicólogas durante seus diagnósticos e intervenções,

mas também tinha o propósito de verificar a inserção que o grupo vinha tendo no restante da comunidade, o que, dentre outras coisas, reflete o significado social do grupo.

Para os encontros dos sábados, inseriu-se a ficha de cadastro (Apêndice C), que visava à formalização da participação dos idosos como membro de um grupo específico; estipulou-se uma reunião na qual se propôs e foi votada a denominação “Grupo da Felicidade”, em analogia ao estado de espírito em que se encontravam os participantes. Do momento em que se “batizou” o grupo e se instaurou o cadastro obrigatório, outro documento foi implementado, a lista de freqüência (Apêndice E), que passou a funcionar como um controle interno da média de participantes por encontro, o que favorecia nas programações posteriores.

Com isto, constatam-se, nos registros mantidos pelo grupo, indícios de que foi havendo necessidade de as pessoas assumirem tarefas. Alguém se responsabilizou por acompanhar o registro da freqüência, outro por agendar atendimentos etc. Na medida em que as ações do grupo foram se ampliando, foi requerida uma participação maior de todos. A realização das atividades deixa, ou, assim, de ser planejada e executada por única pessoa. Os próprios participantes do grupo foram, gradativamente, fazendo suas eleições e se comprometendo com as ações, que passaram a contar com um volume bem mais variado de atividades, e a acontecer, muitas vezes, independentemente de as idealizadoras do grupo estarem ou não presentes. Há, nesse aspecto, registros a evidenciarem que, como os encontros estavam autorizados para acontecer aos sábados, os participantes do grupo passaram a sentir necessidade de se reunir mais vezes durante a semana, elegendo a casa de colegas, e aproveitando esses momentos para deliberar sobre

as atividades a serem desenvolvidas e a respeito de quem deveria fazer o que durante as atividades.

Os idosos passaram, deste modo, a explorar suas possibilidades no interior do grupo, buscando formas de expressarem sentimentos e perceberem seus talentos, promovendo atividades que abordavam suas histórias de vida e dificuldades, de modo descontraído, dando aos encontros um caráter lúdico ou de lazer.

De seu lado, foi declarado pelas idealizadoras do grupo que, diante da proatividade dos demais participantes, passaram a assumir uma atitude de reserva, em respeito para com as iniciativas individuais/grupais. Em vez de determinar e conduzir as práticas grupais, passaram a incentivar cada membro a não só sugerir e desenvolver novas atividades, como buscar perceber-se sujeito de construção e reconstrução de uma identidade para o grupo. No discurso de Paulo Freire (1987), esta atitude é o que concorre para com o empowerment dos idosos, que passaram a se sentir independentes para agir (e agiam), realizando dinâmicas de grupo, trabalhando com dramatizações sobre temas do cotidiano comum, planejando e pondo em prática passeios turísticos, dentre outros. Seguindo essa lógica de atuação, os idosos passavam a se ver como mais sábios, mais fortes, com maiores recursos e competências do que antes, fortalecendo, assim, a identidade pessoal e de grupo. Constata-se esse processo também como se tratando de um redimensionamento do grupo, no interior do qual o próprio discurso das idealizadoras se transforma. É o que se verifica diante da reprodução da seguinte fala:

> *Observo que o grupo é um contexto em que as pessoas têm a oportunidade de ressignificar a visão de si própria, da família e das possibilidades de amar, de atuar de maneira mais livre e satisfatória. Aos poucos, os idosos do grupo vão ganhando em independência,*

> *vão desenvolvendo sua capacidade de participar ativa e criativamente nos encontros. Hoje nós nos damos ao prazer de sermos "as convidadas" para nos inserir na programação deles, para participar de atividades que eles programaram, e não mais somente nós....*

Conforme expresso, esse salto para a autonomia faz o grupo ganhar nova conformação, o que, de seu lado, caracteriza outra fase (ou estádio) do grupo. Regras, mesmo que frágeis, começam a ser estabelecidas, e estas vão reger inclusive os critérios para cada um ser reconhecido e aceito como membro, ou seja, cada qual necessitava contribuir "com a sua parte". Também se instituiu certa hierarquia de autoridade (e de poder, conseqüentemente), fazendo emergir as lideranças, que passou a regular as relações entre os participantes.

Somente a partir do início do ano de 2005 se verificou uma estrutura formalizada de funcionamento do grupo, materializada no formato de "Estatuto social" (Apêndice G), que corresponde à fase em que o grupo se propõe, como uma ONG, a deixar de ser pano de fundo, passando de mera dinâmica de participação na vida comunitária a "instrumento que encerra caminhos criativos para criar competências individuais e comunitárias. Desse modo, contribui para com o estabelecimento de uma sociedade mais justa e sustentável", conforme escreve uma das organizadoras em seus pré-projetos de intenção social.

> *O projeto enseja aos idosos um reencontro ou redescoberta do seu potencial, de se perceberem como seres humanos que devem e podem se valorizar como cidadãos ativos e participantes, recuperando sua auto-imagem e mostrando aos seus familiares e à sociedade, como um todo, a capacidade de pensar e agir por si mesmos e, sobretudo, ir à luta pelos seus direitos e conquistas de novos projetos e metas.*

Diante desse propósito, o Estatuto traz, bem delimitadas, verdadeiras "determinações das condições de pertencer ao grupo", iniciando pela sua ordem social: Rede de Integração Familiar e Comunitária (RIFAC). Segue ainda dando

provimentos acerca da localização da sede; prazo para duração do projeto de ONG; princípios e objetivos; formas de ingresso; os direitos e deveres dos participantes; segmentos que compõem a ONG; institui e dá formato às assembléias; determina a composição de um Conselho Diretor e de um Conselho Fiscal, institui e dá forma a eleições; determina as maneiras de trabalhar e as fontes de recursos, dentre outras providências.

Constata-se, a partir da instituição da ONG, uma proposta, ou intenção, não só de ampliar, em termos de expressividade, as ações que vinham sendo desenvolvidas, como também atrair uma nova clientela: uma diversidade maior de grupos. A proposta, inicialmente tímida, funcionando por interesse e recursos do próprio grupo, bem como o foco voltado meramente para o idoso e sua inserção social, amplia-se para dar conta de enquadrar abordagens em saúde, educação, profissionalização e formação de lideranças comunitárias, com previsão, inclusive, de fontes específicas de recursos que assegurem a efetividade da nova proposta. Isso se torna evidente ao explorar a denominada “ATA DE FUNDAÇÃO” da ONG (Apêndice F), documento formal que consta ainda dessa fase do grupo, e que data de 03.09.2005.

A ata evidencia, dentre outros aspectos, princípios e objetivos:

> Cooperar para a integração e melhoria da qualidade de vida das famílias nas comunidades carentes; e para atingir seus objetivos, a associação elaborará e acompanhará projetos sociais, dirigidos para diversos grupos e enfocando as áreas de saúde, educação, profissionalização e formação de lideranças comunitárias.

As fontes de recursos:

> Constituem fontes as receitas provenientes dos serviços prestados, da venda de publicações, bem como as receitas patrimoniais; como também de contratos, convênios e termos de parcerias celebrados com pessoas físicas e jurídicas, de direito público ou privado.

5.2.2 Atividade grupal e significação social do que produz essa atividade grupal

A análise da atividade grupal é especialmente expressiva por permitir descobertas nos campos das motivações que atraem pessoas para o grupo, dos interesses comuns que mobilizam as ações, bem como do grau de consciência desse mesmo grupo acerca da expressividade social de suas ações.

Para análise desse último parâmetro, Martín-Baró sugere o caminho, que é responder aos seguintes questionamentos: "Que atividade ou atividades desenvolve? Qual é o produto de seu fazer?". Na realidade deste estudo, esses questionamentos foram respondidos considerando as duas dimensões do grupo: 1) a dimensão interna, vinculada aos membros do próprio grupo; e 2) a dimensão externa, relacionada com a sociedade e/ou outros grupos.

5.2.2.1 Análise da atividade grupal que considera a dimensão interna

Esta análise está limitada aos membros do próprio grupo. Foi conduzida no sentido de evidenciar quais trabalhos/atividades realizam atualmente e também quais trabalho/atividades eles gostariam de realizar, considerando as aspirações individuais ou comuns.

Constatou-se que, muito embora documentos prevejam o ingresso de grupos com faixas etárias variadas para compor a RIFAC (crianças e adolescentes, por exemplo), e uma ampliação significativa de sua participação social, permanece sendo assistido o grupo composto pelos 53 idosos. Quanto aos trabalhos/atividades que eles realizam atualmente, identificou-se serem estes bem diversificados, muito embora pareça seguir leitmotiv comum, que é buscar responder ao seguinte questionamento: *o que a rede pode fazer de concreto para melhorar as condições*

de vida dos idosos da comunidade e incentivá-los a participar na reflexão e solução dos problemas que vivenciam?

Nesse propósito, existiam atividades destinadas à recuperação/desenvolvimento de criatividade e habilidades manuais, como pinturas, culinária, crochê, confecção de chapéus de palha; às expressões corporais, como dramatizações/teatro, música e dança; ao trabalho da auto-estima e restabelecimento da convivência social, com passeios de cunho cultural e também os de interesse do grupo, como comemorações de datas festivas, sessões de filmes; à terapia de grupo, em que se davam as trocas de experiências entre os participantes, estratégia útil como forma de promover uma auto-reflexão sobre problemas característicos do envelhecimento e o desenvolvimento de uma capacidade maior de adaptar-se e desenvolver mecanismos de resolução; aos aspectos em geral, como as ações educativas sobre o auto cuidado e o bem-estar integral que refletem um envelhecer com maior qualidade de vida, a discussão de textos técnicos abordando questões biológicas, psicológicas, existenciais, culturais, econômicas, políticas, meio ambiente e sociedade, com enfoque na pessoa idosa, dentre outros.

Muito embora se constate na Ata de Fundação da RIFAC uma formalização de corpo diretor (contando com pelo menos seis pessoas, entre presidente, diretor financeiro e o de projetos, diretor de relações e o de eventos etc.), para que essas atividades fossem possíveis, constatou-se que todos os idosos se dedicavam de algum modo, segundo suas condições e habilidades. A maioria, entretanto, se restringia a atuar em atividades que requeressem menos habilidade e dedicação, tais como limpeza geral, acompanhamento de atividades auxiliando os líderes, trabalhar na cozinha, ministrar aulas de arte e artesanato etc.

As tarefas entendidas como mais complexas - contatar pessoas externas, comandar a organização do espaço, fazer uma caixa para despesas necessárias e eventuais, providenciar transporte (quando era o caso), a preparação de refeições ou lanches, providenciar aparelhos de som e outros etc - eram distribuídas entre apenas alguns dos participantes do grupo; quatro exatamente: a coordenadora, duas líderes informais da comunidade e um seminarista. Estas pessoas tinham o reconhecimento dos demais, que naturalmente já as haviam assimilado como lideranças no grupo, por se destacarem mediante características pessoais. Os líderes natos eram pessoas que, normalmente, se destacavam não só dentro do grupo, como também na comunidade em geral, pela facilidade de relacionamento, eloqüência, proatividade, solidariedade e “desejo de colaborar”.

Acerca das lideranças, verificou-se que as pessoas dedicam em média dez horas semanais para as atividades da RIFAC, sendo seu trabalho totalmente voluntário, ou seja, não recebendo remuneração, vantagens ou benefícios pelas atividades que lhes foram atribuídas. Ainda se constatou serem sempre as mesmas pessoas a atuarem nessas posições durante todo o tempo de existência do grupo. Isto é o que leva à necessidade de investigar os motivos que atraem e mantêm essas pessoas como voluntárias na manutenção do grupo. Por meio das falas, observa-se que os principais motivadores são: em primeiro lugar, a natureza das atividades desenvolvidas (com as quais essas pessoas se identificam, ou seja, há prazer em realizá-las); seguem-se amizades que as interações proporcionam, e que fazem surgir nos líderes um sentimento de compromisso para com o bem-estar de todos.

> *... todos os sábados sei que tenho uma obrigação muito gostosa que é ir para a minha fonte de juventude, que é o nosso Grupo da Felicidade. Fico feliz em poder não só participar, como também ajudar nas atividades, pois me sinto valorizada e útil para o grupo.*

> *Depois que entrei no grupo comecei a me sentir valorizada, aumentei minhas amizades e passei a participar mais da vida da comunidade. Hoje sou conhecida dentro do grupo e também na comunidade. Fico feliz em poder contribuir com o pouco que sei ajudando aqueles que precisam.*

Como há o predomínio dos idosos na rede, é possível supor que todos se aproximam e aderem às atividades em busca de ajuda para si. Características intrínsecas à estrutura organizativa, todavia, e que certamente se responsabilizam pela liberdade/vontade de agir (a proatividade), fazem com que, ao passar o tempo, as pessoas superem motivações individuais, substituindo-as por outras que dizem respeito às necessidades coletivas, pelo sentido de grupo, pelos vínculos de amizade, o desejo de verem crescer as atividades, e que os projetos, como sonhos em comum, se consolidem.

> *Quando iniciei no grupo só pensava em acabar com a minha solidão, aumentar minhas amizades. Depois de um tempo, com a proposta da ONG, penso em como posso ajudar para atuar mais na comunidade, pois muita gente precisa desse apoio aqui na comunidade.*

> *Depois que me aposentei fiquei sem ter o que fazer, comecei a participar do Grupo da Felicidade e senti que ainda posso ser útil ajudando nas tarefas, nos dias que nos encontramos, como também me dedicando na semana a cuidar do espaço dos encontros, realizando trabalhos que vão beneficiar a comunidade.*

Acerca de quais trabalhos/atividades os idosos gostariam de realizar, considerando as aspirações individuais ou comuns, levantou-se a seguinte lista: cuidar de um jardim, fazer uma horta para que todos na comunidade possam ter algum tipo de verdura e legumes, ensinar o ofício (sua profissão) para os mais jovens, ajudar na realização de um sopão semanal para distribuir a todos da comunidade, ensinar o preparo de remédios/chás a partir das ervas, dentre outros.

Para a realidade das atividades realizadas, quando se fala em atividades como projeto a se realizar, os nomes aventados para liderar essas atividades são os mesmos que sempre atuaram nessa posição dentro do grupo. Isso faz refletir sobre

como o grupo não vem trabalhando em função da renovação dessas lideranças. Provavelmente, não haja ainda uma percepção clara acerca desse fenômeno, não havendo, portanto, avaliações de quais repercussões (negativas ou positivas) podem decorrer dele. Já se pode antecipar, todavia, a noção de que, muito embora a adesão de novos membros ao grupo continue ocorrendo de forma voluntária, por meio de convites realizados pelos participantes mais antigos, observa-se que a maioria dos convites ao engajamento provém dos líderes. Ressalte-se que, quando os participantes mais antigos de um grupo convidam outros membros da comunidade para se engajarem nas atividades, a ampliação (como a modificação) dos elementos do grupo, por si mesmo este fato já configura um critério natural de "escolha sociométrica"; o contrário não se poderia falar de uma rede natural, mas sim proposital ou condicionada. Até que ponto isso afeta a dinâmica do grupo é um estudo que merece ser realizado.

5.2.2.2 Análise da atividade grupal que considera a dimensão externa

Na dimensão externa, analisa-se como o grupo se encontra relacionado com a sociedade e/ou outros grupos. Nesse sentido, o grupo deve ser capaz de produzir um efeito real sobre esses outros segmentos como forma de assinalar sua identidade diante deles.

A análise aqui se reporta a evidenciar como outras pessoas e segmentos da comunidade participavam ou se beneficiavam das ações do grupo. Constatou-se que uma quantidade significativa de pessoas adultas, em média quinze pessoas por dia, buscavam atendimento psicoterápico. A demanda para esse atendimento, entretanto, era muito maior, o que fez surgir uma "lista de espera", conforme relata a coordenadora:

> *Elas chegavam dizendo que estavam muito doentes, ou vinham encaminhadas pelos médicos do posto de saúde local. Havia manhãs que as pessoas faziam fila. Quando eu saia da comunidade, muitas vezes, já era noite. Fomos obrigados a limitar o número de atendimentos diários, e elaborar uma lista de espera, que respeitava a ordem de prioridades.*

Entende-se esta como uma das poucas oportunidades criadas que pode favorecer o intercâmbio e a ampliação do grupo, com a conseqüente renovação das lideranças. Mobilização nesse sentido fica constatada quando a psicóloga utiliza o próprio grupo para realizar as terapias grupais. Nesse sentido, o grupo era ampliado a partir de encaminhamentos dados para que outras pessoas, muito embora não fossem idosas, passassem a freqüentar as reuniões semanais. A psicóloga esclarece:

> *Muitas das pessoas procuravam o grupo como uma maneira de amenizar seu sofrimento psíquico. Contando com as reuniões de grupo, vislumbrei a possibilidade de trabalhar essa problemática fazendo com que estas pessoas investissem na ampliação das suas amizades, conhecendo lugares novos, trocando experiências de vida, compartilhando, em fim, da rotina do grupo de idosos que já tem a proposta de trabalhar as depressões e a necessidade de as pessoas darem um sentido para suas vidas.*

Em especial pela necessidade dos atendimentos psicoterápicos, ficou caracterizada parceria entre o grupo e o posto de saúde local. Salvo as procuras espontâneas por atendimento, os profissionais de saúde era que encaminhavam os seus clientes. Da parte do posto, havia um acordo de priorizar o atendimento ambulatorial e preventivo a idosos encaminhados da RIFAC.

Outra participação da comunidade também vinha beneficiar os idosos do grupo. Tinha origem em um projeto social, acolhido por associação comunitária local, que inicialmente se voltara para alfabetizar crianças, e, em decorrência de uma parceria com a RIFAC, ampliou-se essa proposta para incorporar os idosos.

Fora estes, há registros de acadêmicos, em especial provenientes dos cursos das áreas de Ciências Humanas e da Saúde (Enfermagem, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Psicologia) que desenvolvem atividades junto à RIFAC, como voluntários em atividades sócio-recreativas, com palestras de Educação em Saúde ou aplicando projetos acadêmicos. Também por solicitação do grupo, são convidados profissionais para abordar temas de interesse.

Certamente a abertura que o grupo concede para a participação da comunidade em geral faz com que melhore sua aceitação, passando a ser visto e encarado como necessário e significativo no tocante à melhoria das condições de vida local.

Compreende-se que muito do que é previsto em Estatuto foi determinado e seguirá determinando o tipo de relações da ONG com a comunidade e com outros grupos sociais; dinâmica esta regida por uma dialética intergrupal, que, por sua vez, se faz reflexo das necessidades e dos interesses manifestados na produção histórica do grupo. Pode-se antever este Estatuto como o marco na determinação não só da ordem social da RIFAC, como também imprime consciência nas pessoas de pertencer a um grupo, ou seja, é o que funciona como uma referência para a própria identidade ou vida, referência essa criada a partir do sentimento de pertença subjetiva a um grupo. De acordo com Martín-Baró (1988), este sentimento é que contribui para que um grupo de pessoas se ache e atue como grupo, possibilitando a sua identificação, primeiramente, e depois a busca de conhecer e compartilhar com outros grupos as suas experiências.

5.3 Resultados relativos à análise da configuração sociométrica da rede em termos de relações entre membros e dinâmica de grupo

5.3.1 O tamanho da rede e sua densidade

Desde que as redes estão definidas por seus atores e o número de conexões entre eles, é útil iniciar a descrição da rede, examinando as propriedades: tamanho e densidade. Para tanto, o grafo (mapa sociométrico ou sociograma) é um recurso visual inicialmente utilizado. Em sociometria, há possibilidades de produzir tanto mapas em função de escolhas positivas realizadas pelos participantes do grupo, como em função das escolhas negativas. O grafo apresentado a seguir tem origem nas *escolhas positivas*. A rede aqui apresentada é, em função disto, denominada *rede positiva.*

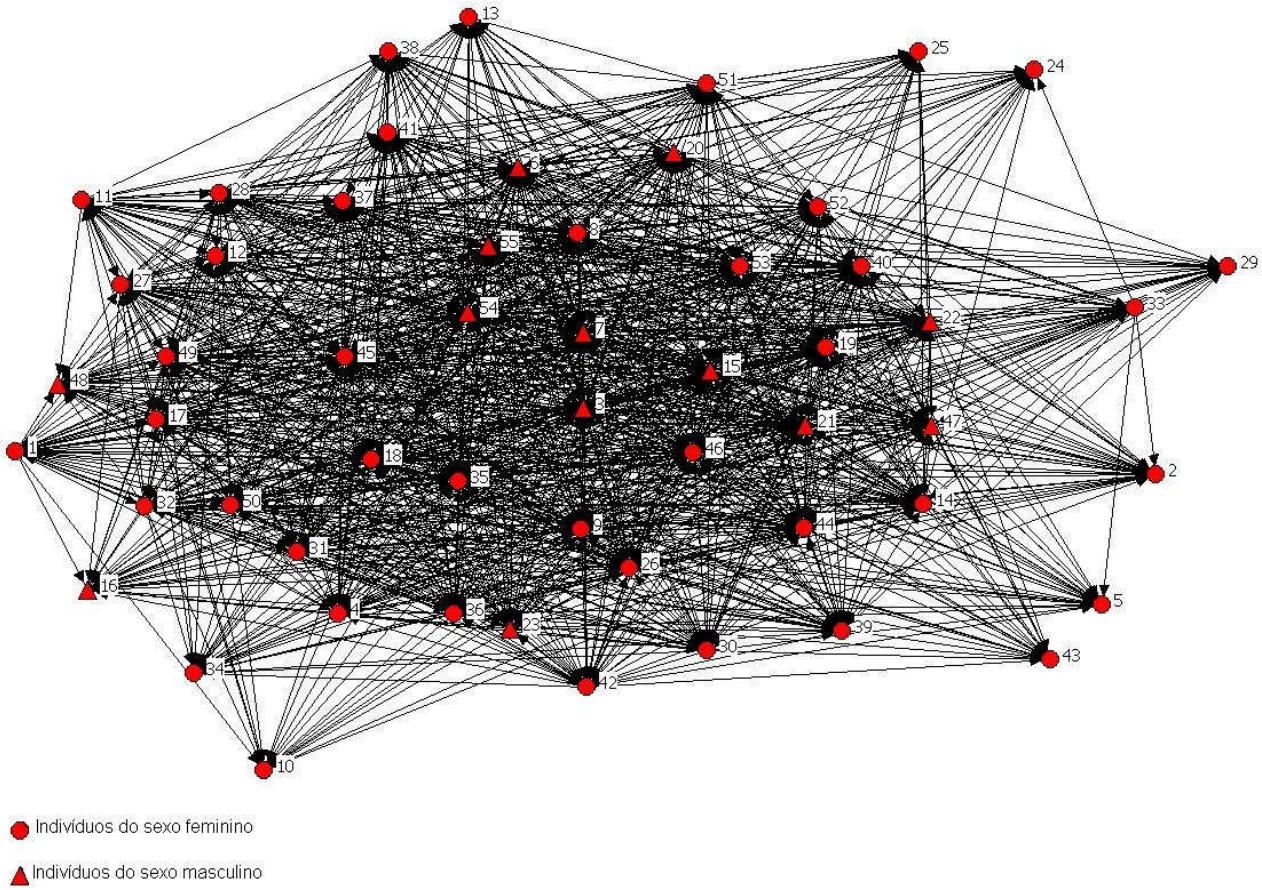

Figura 1: Mapa da rede positiva dos participantes da RIFAC

Sobre o tamanho da rede, coincide a rede aqui estudada com o total das 55 pessoas que compõem, na atualidade, a RIFAC. Essa coincidência decorre do fato de o instrumento aplicado para coletar dados condicionar a idéia de que cada um dos 55 atores pesquisados buscasse qualificar apenas os participantes do grupo (ou seja, os outros 54 atores) em positivo, negativo ou neutro.

O tamanho da rede é muito importante, uma vez que pode ser um ponto crítico para a estrutura das relações sociais, se for considerado o fato de que a complexidade das relações cresce com a quantidade de atores na rede; se forem considerados também os recursos existentes (que possam ser limitados). Composta de 55 atores, a rede já pode ser considerada de tamanho razoavelmente grande.

Expressar uma rede é grande, implica exprimir que ela também é complexa em termos do número de relações possíveis de fazer (a densidade da rede) e, conseqüentemente, das características internas que ela passa a assumir; a considerar os vários e diferentes interesses que estão envolvidos, a quantidade e o tipo de trocas (ou de suportes) que podem ser realizadas entre as pessoas etc.

Como implicação desse achado para a rede, uma inferência é a de que o fato de ela ser grande pode explicar a ocorrência de muitas pessoas não citarem outras ou não serem citadas por todos da rede. A quantidade de atores dificulta o bom conhecimento de todos entre si. O contato ocorre, as pessoas se vêem, mas as relações de intercâmbios (de trocas de suportes) não acontecem. A esse respeito, Hanneman (2000) comenta:

> El tamaño es critico para la estructura de las relaciones sociales a causa de los recusros limitados y las capacidades de que cada actor dispone para construir e mantener lazos. A medida que el grupo crece, la proporción de todos os lazos que pudiesen (lógicamente) estar presentes – densidad - disminuirá y muy probablemente emergerán grupos y facciones diferenciados. (P.09).

Analisando a densidade, importa entender que esse conceito se traduz pelo quociente das ligações efetivamente existentes entre os 55 atores da rede e total de ligações potenciais ou possíveis. Apenas por meio da simples observação do mapa, produzido pelo *software* NetDraw 2.41, já se tem uma idéia de como a rede apresenta alta densidade. De todo modo, utilizando o *software* UCINET 6.123, evidenciou-se que a rede consta de 1689 relações efetivas, dentre 2970 relações possíveis. Realizando o cálculo para se determinar a densidade, obteve-se o valor de 0,5687. Isso significa que, em termos percentuais, 56.87% (mais da metade) do potencial da rede está sendo explorado. Esse dado permite confirmar a alta densidade visualizada no mapa.

Verificar a densidade é também buscar conhecer o quanto os atores da rede estão interagindo e, ao tempo que interagem, possibilitando trocas de suportes. Redes nas quais todas as interações logicamente possíveis estão presentes (a denominada rede saturada) é o ideal de se obter, porque nela estaria acontecendo todo o intercâmbio (as trocas de suportes social necessárias) possível, mas elas são também extremamente raras de acontecer, de acordo com Hanneman (2000). É útil observar, entretanto, em que medida uma rede está ao ponto de alcançar todo o seu potencial ou, ao contrário, se está longe disto, necessitando de intervenção**.**

No caso da rede aqui estudada, muitas conexões (mais da metade do potencial da rede) estão acontecendo, significando que os indivíduos se expõem aos intercâmbios, às trocas de suporte material, emocional e informativo. Nesse sentido, pode-se inferir acerca da rede que, mediante as muitas conexões, pode ser mais coesa, portanto, solidária e capaz de mobilizar seus recursos, dispondo de múltiplas e diversas perspectivas para resolver problemas do cotidiano.

Os envolvidos por este tipo de dinâmica de rede podem não se aperceber, mas passam a se portar de modo mais tolerante diante dos colegas, resolvem com facilidade os pequenos problemas, bem como se tornam mais cooperativos quando solicitados. Em conseqüência, na ocasião um momento de enfrentamento de problemas ou de necessidade de votar medidas de resolução, o grupo tem facilidade de chegar a um consenso, sem produzir conflitos. O grupo aqui analisado dá evidências de seguir essa lógica em sua dinâmica de atuação. Uma líder esclarece:

> *O grupo já atua fortemente dentro do propósito de oferecer suporte emocional. No aspecto informativo, estamos sempre trazendo profissionais de diversas especialidades, que trazem informações sobre saúde, direitos (em geral) do idoso, como solicitar passe livre para uso nos transportes coletivos, encaminhar aposentadorias e qualquer outra dúvida que eles tenham. No caso das necessidades materiais, criamos um caixa. Para alimentar o caixa, semanalmente é realizado um bingo de uma prenda que é doada por participantes do grupo ou por pessoas externas. Ainda, durante eventos festivos abertos ä comunidade (quadrilhas, natal), são montadas barracas para comercializar comidas típicas. Todo dinheiro arrecadado é depositado em uma conta bancária aberta em nome do grupo, e é revertido para financiar as suas atividades: eventos que participam, viagens que realizam. Ainda, no Caso de algum idoso necessitar, é votado, e esse dinheiro pode ser doado. Um exemplo disto foi o caso de um idoso que alem de não ter nada para comer em casa, estava com o filho doente, já desenganado pelos médicos, e a energia dele foi cortada. O grupo se solidarizou, e ajudou.*

Desde o momento em que uma rede não está bem conectada, podem ocorrer condições para fragmentação e conflito. No plano individual, o grau em que uma pessoa está ligada a outras pode indicar até que ponto os indivíduos estão separados do conjunto, ou até que ponto estão isolados. Tal isolamento pode ter uma significação psicossocial. Se um ator não pode alcançar outro ou não pode ser alcançado por outro, então pode ser que não exista aprendizado, ajuda ou influência de qualquer outra dimensão (HANNEMAN, 2000).

A densidade identificada concorre, pois, para uma efetividade maior do grupo como uma rede de apoio. Pode a densidade encontrada para a rede em estudo ser justificada no fato de muitos dos participantes já se conhecerem há bastante tempo; por serem vizinhos ou parentes; bem como por se encontrarem envolvidos em outras dinâmicas comunitárias, tais como: atividades da pastoral da Igreja, ginástica desenvolvida pelo Corpo de Bombeiros e os encontros educativos em hipertensão e diabetes. Ressalte-se, inclusive, que a qualidade/intensidade desse tipo de participação dos indivíduos na sociedade recebe influência do estímulo proveniente do grupo. A esse respeito, Valla (1999, p.10) escreve: “um envolvimento comunitário, pode ser um fator psicossocial significante na melhoria da confiança pessoal, da satisfação com a vida e da capacidade de enfrentar problemas”.

5.3.2 Relações entre membros e dinâmica grupal

A visualização do grafo, como recurso visual, até aqui teve sua utilidade para permitir obter uma noção intuitiva da importância empreendida pela característica da rede social analisada. Em virtude, porém, do grande número de participantes, e a quantidade de conexões decorrentes, para se proceder com inferências acerca da rede em termos de relações entre membros e dinâmica grupal, o mapa não é de muita ajuda. Nessas situações, Hanneman (2000; p.6) orienta a utilização de “*ordenadores que apliquen algoritmos para calcular las medidas matemáticas de las propriedades de los graf*os” (a matriz geradora do gráfico). Mesmo diante da matriz, no entanto, a visualização para 55 atores ainda é

dificultada. Nesse sentido, foram desenvolvidas as Figuras 2, 3 e 4 apresentadas a seguir.

Enquanto a matriz comporta dados que informam quem escolheu, os que foram escolhidos durante o teste sociométrico, os gráficos a seguir objetivam favorecer a análise desse fenômeno.

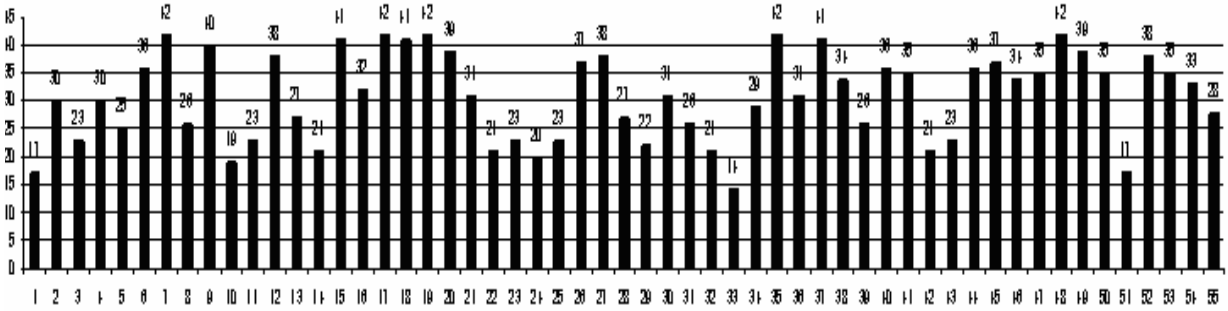

Figura 2: gráfico dos escolhidos positivamente

Analisando o gráfico das escolhas positivas realizadas, pode-se perceber que existem algumas diferenças em como os atores estão conectados. Por exemplo, os atores At7, At17, At19, At35, e At48 estão conectados com todos na rede, querendo dizer com isto que foram escolhidos por todos os entrevistados (42 atores). Ao contrário, os atores At01, At33 e At51 são os que estão menos conectados.

É significativo, ainda, analisar o fato de que os atores At01, At33 e At51 At10, At14, At22, At24, At32, At42 totalizaram menos de 50% das escolhas positivas. Ressalte-se também que o At48, a exemplo dos atores At2, At13, At16, At34 e At38, não estava presente na ocasião da coleta de dados, no entanto figura entre os mais escolhidos positivamente. Esse resultado aponta para uma característica acerca da dinâmica grupal na rede. Muito embora presentes às reuniões, os primeiros atores evidenciados são referidos pelos colegas como aqueles que “não gostam de

participar", ou seja, não se voluntariam, permanecendo calados, sentados em seus lugares, somente se envolvendo quando solicitados. Ao contrário, os últimos evidenciados destacam-se por serem dinâmicos e participativos.

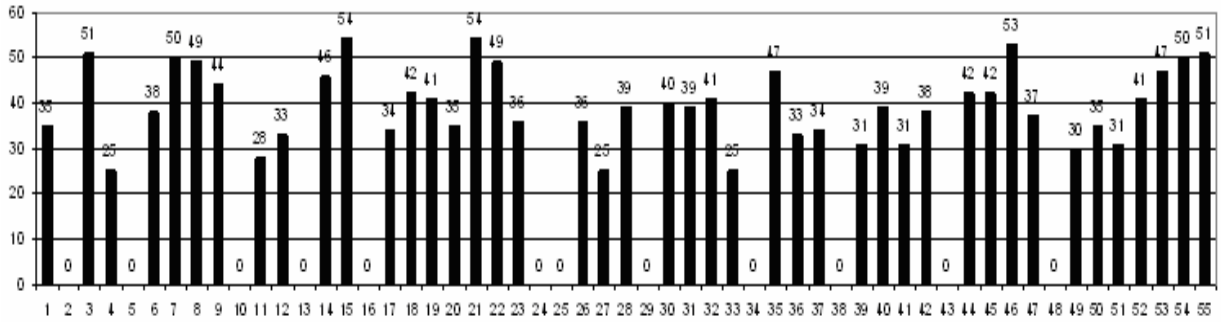

Figura 3: gráfico dos que escolhem positivamente

Quarenta e dois (42) atores preencheram o instrumento de coleta de dados, sendo que apenas dois destes, os atores At15 e At21, escolheram positivamente a totalidade do grupo, incluindo os atores At2, At5, At10, At13, At16, At24, At25, At29, At34, At38, At43 e At 48, que não estiveram presentes no dia da coleta de dados.

Os atores At3, At7, At8, At9, At14, At15, At21, At22, At35, At46, At53, At54 e At55 são os que escolheram positivamente mais de 80% da totalidade do grupo. Importante é verificar que quase nenhum dos entrevistados escolheu positivamente menos de 50% dos atores da rede, dado este que valida os achados para a densidade da rede.

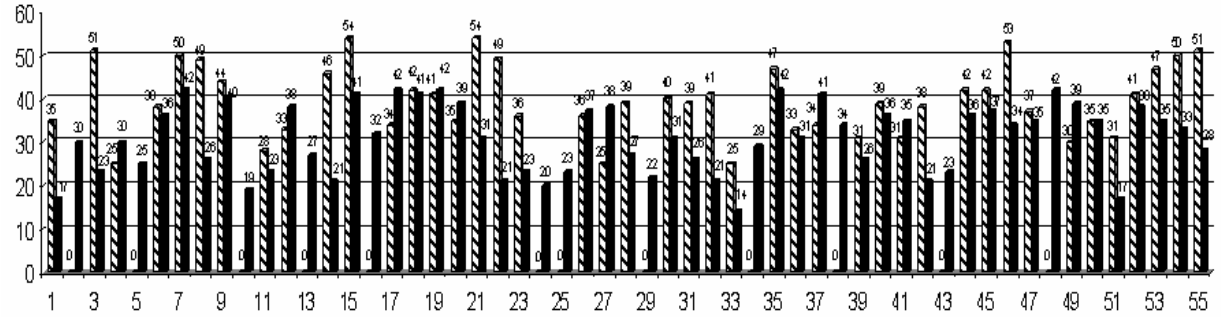

Figura 4: gráfico da reciprocidade de escolhas

Algumas conexões dos atores são equiparadas, querendo dizer com isto que, na proporção que escolheram, eles também foram escolhidos por pessoas do grupo, a exemplo: At6, At9, At18, At26, At35; At36, At40, At47, At50 e At52. Outros atores são mais emissores do que receptores de escolhas, a exemplo: At1, At3, At8, At14, At21, At22, At23, At32, At42, At46, At51, At54 e At55.

Quando é analisada a estrutura detalhada do grupo, percebem-se a posição ocupada pelos indivíduos e o núcleo de relações constituído ao redor de cada um (mais amplo para alguns e mais simples para outros). Na linguagem sociométrica, percebem-se os atores mais ativos, atuantes ou centrais na rede, formados pelos que recebem mais escolhas positivas, e os atores mais periféricos, formados por pessoas que recebem menos essas escolhas. Ainda existe a figura dos atores isolados, caracterizados por aqueles que não escolhem nem são escolhidos - o que não se verificou para a rede analisada.

Alguns princípios gerais do universo teórico-metodológico da sociometria dada por Moreno (1972) dizem que o índice de eleições positivas recebidas por determinado membro do grupo indica o grau de liderança (e também de poder) que ele exerce na estrutura grupal. Reportando-se aos dados, tem-se cinco atores, os mais escolhidos, podendo ser eles apontados como as principais lideranças do grupo.

Ao analisar essa liderança, constata-se o At7 como se tratando de um seminarista, pessoa que, em nome da sua congregação, já desenvolve várias atividades na comunidade. O At17 é a coordenadora da RIFAC, pessoa que idealizou e lidera as atividades desde o início do grupo. O At19 é uma líder informal dentro da comunidade, e se destaca pelos trabalhos voluntários que desenvolve. Trata-se o At35 de uma respeitada rezadeira, que também atua na comunidade. O

At48, ao contrário de todos os outros, não se destaca por desenvolver relevante papel no seio da comunidade, mas dentro do grupo é visto como uma pessoa “amiga”, “alegre”, “dinâmica”, “prestativa” e outros predicados atribuídos pelos demais participantes.

Vale lembrar que os dados obtidos centralizam “núcleos de liderança”, demonstrando que os indivíduos são percebidos pelos demais com atributos de uma posição de líder. Por outro lado, percebe-se que todas essas pessoas já apresentam, independentemente da RIFAC, um perfil de liderança, apenas o grupo é mais um espaço onde essa característica se evidencia. Deste modo, entende-se que assumir papéis de lideranças dentro do grupo significa que esses atores atuam como suporte (emocional, material e/ou informativo).

Destaque-se o fato de que o vínculo grupal de um indivíduo é entendido como mais sólido e estável quanto maior for o seu indicativo de aceitação e menor o seu índice de rejeição por parte dos demais membros do grupo. Significa dizer que as condições ideais para o bom desempenho das tarefas, bem como da capacidade de liderança de indivíduo, em um determinado grupo, em certo contexto, depende diretamente de alto índice de aceitação e de baixo indicação de rejeição na estrutura do grupo (MORENO 1972). Desta forma, a centralidade tem grande relevância na dinâmica grupal. Se essa centralidade, contudo, está concentrada em poucos atores, Hanneman (2000) alerta para o fato de que estes podem vir a sofrer sobrecarga, uma vez que todas as expectativas dos demais recaem sobre eles, como um suporte social desejável.

5.3.2.1 Compreensão da intersubjetividade das escolhas

O número de pessoas com maior ou menor quantidade de contatos diretos é certamente indicativo para análise da importância dos elos de uma rede social. Esta, porém, é antes de tudo um ambiente de trocas ocorrente no plano *intersubjetivo*.

No quadro 1 a seguir, busca-se explorar os resultados do teste sociométrico de escolhas positivas, considerando os dados qualitativos como forma de adentrar esse universo das relações intersubjetivas que ocorrem no grupo. Para compreensão do quadro 1, destaque-se que: na 1ª coluna, consta a identificação de todos os que participam da RIFAC; na 2ª, o número de escolhas positivas; na 3ª coluna, consta o percentual das escolhas positivas; na 4ª, estão as justificativas das respectivas escolhas positivas; na 5ª encontram-se as escolhas negativas; na 6ª coluna, o percentual das escolhas negativas; a 7ª coluna compreende as justificativas das respectivas escolhas negativas; a 8ª coluna encerra as escolhas neutras; na 9ª, consta o percentual das escolhas neutras e na 10ª coluna, estão as justificativas das respectivas escolhas neutras.

Participantes	**Número de escolhas positivas**	**Principais justificativas**	**Número de escolhas negativas**	**Principais justificativas**	**Número de escolhas neutras**	**Principais justificativas**
1	17	Educada, respeitosa, prestativa, legal.	8	Antipática, falta muito, não se socializa,	17	Não conhece direito
2	30	Animada, participativa, comunicativa, gente boa.	3	Falta muito.	10	Conheço pouco, não tenho intimidade.
3	23	É amigo, calmo.	8	Muito calado, não se socializa, nem participa.	11	Não conheço direito.
4	30	Animada, comunicativa, criativa, boa meiga, gosta de ajudar.	3	Aparece pouco no grupo.	9	Não tenho muito contato, não lembro quem é.
5	25	É amiga, companheira, gosta de dançar.	7	Participa pouco, falta muito, não se entrosa nas atividades da comunidade.	11	Não lembro que é, não tenho contato.

6	36	Amigo, companheiro, gente boa, prestativo, gosta de participar.	-	----------	6	Não tenho intimidade.
7	42	Animado, amigo, criativo, dinâmico prestativo, é importante para o grupo e para a comunidade.	-	----------	-	----------
8	26	É legal, gente boa, amiga.	8	Falta e não participa nas atividades, é calada, antipática.	8	Não lembro que é, não tenho muito contato.
9	40	Gosta de conversar, gente boa, amiga, conselheira, caridosa.	-		2	Não tenho intimidade.
10	19	Alegre, simpática e participativa.	3	Só gosta dela, participa pouco.	21	Não lembro dela, não tenho contato.
11	23	Boa amiga, boa vizinha, não faz mal a ninguém.	9	Pouca socialização, muito calada, sem graça, sem fé e sempre falta, não se entrosa.	10	Não conheço, não lembro quem é, sem contato.
12	38	Amiga, prestativa, animada, participativa, dinâmica, religiosa, gosta de ajudar, importante para o grupo e a comunidade.	3	Antipática e besta, não têm sensibilidade.	1	Não lembro quem é.
13	27	Amiga, prestativa, muito batalhadora, uma guerreira, gosta de ajudar.	7	Falta muito, calada, participa pouco das atividades do grupo.	9	Não conheço, não tenho contato.
14	21	Simpática, comunicativa, animada, participa, alegre, cheia de vida.	3	Arrogante, não se engaja na comunidade, sem graça e sem fé, egoísta.	18	Não lembro, não tenho conheço, não tenho aproximação.
15	41	Amigo, prestativo, comunicativo, animado participativo, entendido, companheiro, sempre pronto para ajudar.	-	----------	1	Não lembro dele.
16	33	Amigo, gosta de agradar, ajuda na hora certa, atencioso, muito prestativo, simpático.	2	Falta um pouco.	8	Não tenho afinidade, não lembro dele.
17	42	Dinâmica, comunicativa, prestativa, extrovertida, honesta, nossa jóia, rainha, mãe, irmã, filha, anjo, solidária, gentil, é a base de tudo, a força motora de tudo.	-	---------- -	-	----------
18	40	Amiga, participativa, caridosa, alegre, delicada, verdadeira.	-	---------- -	2	Não tenho aproximação.
19	42	Amiga, mãezona da comunidade, alegre participativa, caridosa, conselheira, popular, batalhadora.	-	---------- -	-	----------
20	39	Amigo, companheiro, esforçado, participativo, comunicativo, gosta de ajudar, animado, solidário.	-	----------	3	Não tenho intimidade, não tenho o que dizer dele, não lembro.
21	31	Amigo, gosta de ajudar, participativo, forte nas palavras, comunicativo, valoriza o grupo.	3	Muito convencido, quer ser superior, nervoso,	8	Entrou no grupo faz pouco tempo, não tenho muito conhecimento dele, não conheço.
22	22	Amigo, gosta de participar, atencioso, é calado, mas procura se entrosar, tranqüilo.	2	Não gosto muito dele, antipático.	18	Ele é novato, não o conheço bem, não lembro
23	24	Amigo, gente boa, tranqüilo, está sempre presente no grupo, na medida do possível participa.	5	Muito calado, não conversa com ninguém, antipático, um pouco ignorante, não entende as coisas.	13	Não o conheço bem, não lembro, sem aproximação.
24	21	Amiga, prestativa, honesta.	5	Não é carismática, falta muito.	17	Não a conheço, não lembro,

25	23	Amiga, prestativa, na medida do possível gosta de ajudar.	5	Falta muito, antipática, não gosta de ninguém, por qualquer coisa faz uma confusão.	15	Só a conheço de vista, não lembro,
26	38	Amiga de todas as horas; apesar dos problemas sempre chega junto, companheira, uma lutadora.	-	----------	4	Não conheço, não tenho muito contato.
27	38	Amiga no grupo e na comunidade, religiosa, comunicativa, prestativa, atenciosa, conselheira, gosta de participar, forte.	1	Muito dona da verdade.	3	Não lembro, não tenho contato.
28	27	Gosta de conversar, simpática, gosta de participar e ajudar, receptiva.	7	Antipática, muito negativa, dramática, chorona, enjoada, não se entrosa.	8	Não lembro, não tenho intimidade com ela.
29	23	Gente amiga, sempre que pode tenta participar, batalhadora, gosta de conversar.	3	Falta muito e quando vem não participa, muito calada.	17	Não a conheço, não tenho intimidade, conheço há pouco tempo, não lembro.
30	30	Amiga, simpática, ajuda como pode.	3	Antipática, calada, não se manifesta em nada, orgulhosa.	9	Não a conheço, não tenho contato,
31	26	Amiga, divertida, prestativa, procura fazer amizade, simpática.	2	Falta muito.	14	Não lembro, não tenho intimidade, ela é novata, tenho pouco contato.
32	22	Apesar de ficar na dela é uma pessoa boa, amiga, simpática, educada.	6	Vem para o grupo, mas não participa, não se engaja em nada.	14	Não lembro dela, sem aproximação, não faz falta no grupo.
33	14	Boa amiga, gosta de dançar, alegre.	4	Não gosta de participar de nada na comunidade.	24	Não conheço, não lembro, não tenho aproximação.
34	29	Amiga, extrovertida, divertida, gosta de dançar, comunicativa, sempre está de bem com a vida, sapeca.	1	Mal-educada, gosta de fofoca.	13	Não lembro, não é muito importante para o grupo.
35	42	Amiga, alegre, participa das atividades do grupo e da comunidade, gosta de ajudar, anima o grupo.	-	----------	-	----------
36	30	Amiga, solidária, gosta de dançar, prestativa.	3	Falta muito, antipática.	9	Não a conheço, não tenho o que dizer dela.
37	41	Amiga de todas as horas, animada, dinâmica, solidária, prestativa, alegre, comunicativa, caridosa.	1	Às vezes é muito sincera e magoa.	-	----------
38	35	Amiga, prestativa, sempre está pronta para ajudar, alegre, companheira.	1	Falta muito.	7	Não conheço, não lembro que é, não tenho aproximação.
39	27	Amiga, calma, simpática, uma boa vizinha.	6	Freqüenta mas não participa, muito calada.	9	Não lembro, não tenho intimidade.
40	37	Amiga, divertida, calma, prestativa, trabalhadora, gosta de participar.	1	Antipática.	4	Não conheço, tenho pouco contato.
41	35	Amiga, tranqüila, prestativa, sincera, sempre que precisa ela chega junto.	1	Não se aproxima para fazer amizade, muito na dela.	6	Não lembro, sem muito contato,
42	22	Amiga, prestativa, solidária.	6	Antipática, arrogante, é muito na dela.	14	Não lembro, tenho pouco contato, não conheço bem.
43	24	Animada, simpática, anima o grupo.	-	----------	19	Não lembro, não conheço bem.
44	36	Amiga, sincera, comunicativa, prestativa, gosta de participar, companheira.	1	Antipática.	5	Não lembro, não tenho aproximação.
45	37	Amiga, gosta de participar, animada, prestativa.	2	Muito sentida, com tudo fica chateada, antipática.	3	Não lembro, tenho pouca intimidade.

46	34	Amiga, gosta de ajudar, de participar, caridosa, alegre.	3	Não gosta de participar das coisas da comunidade.	5	Não conheço, não lembro, não tenho intimidade.
47	36	Amigo, gosta de participar, dançar, nunca falta.	3	Arrogante, freqüenta o grupo, mas só gosta de dançar, sem fé.	3	Não lembro, sem contato.
48	42	Amigo de todas as horas, prestativo, comunicativo, animado, gosta de participar de tudo no grupo.	-	----------	1	Não lembro.
49	39	Amiga, muito prestativa, religiosa, gosta de ajudar e sempre chega junto nas atividades do grupo e na comunidade.	1	Antipática.	2	Não lembro.
50	36	Amiga, participativa, companheira, simpática, sempre está de bem com a vida.	1	Fica muito na dela.	5	Não lembro, não tenho aproximação.
51	17	Amiga, calma, simpática, gosta de participar das atividades do grupo.	2	Fica muito na dela, não gosta de conversar.	23	Não lembro dela, não tenho aproximação.
52	38	Amiga, animada, gosta de participar de tudo, companheira, dinâmica, anima o grupo.	1	Antipática.	3	Não lembro, não tenho contato.
53	37	Amiga, participativa, comunicativa, prestativa, gosta de ajudar, caridosa.	1	Fica muito na dela, não se entrosa.	5	Não lembro, não tenho aproximação.
54	35	Amigo, companheiro, gosta de participar, gosta de ajudar, prestativo.	3	Egoísta, só pensa nele, fica muito na dele, antipático.	4	Não conheço, não tenho intimidade.
55	29	Amigo, gosta de participar, comunicativo.	6	Antipático, só reclama e gosta de criar caso, egoísta, só vem para dançar, não se entrosa, falta muito.	7	Não lembro, não tenho aproximação.

Quadro 1: Transcrição das respostas dadas ao teste sociométrico.

Como se pode constatar, analisando os dados da 4ª coluna (principais justificativas), Quadro 1, a palavra mais utilizada para sintetizar uma justificativa da escolha positiva foi “amizade” (aparece 44 vezes), seguida de “prestativo” (30 vezes) e “participativo” (22 vezes). Contrapondo-se, as palavras/expressões mais utilizadas para justificar a escolha negativa: “antipatia” (16 vezes), “não participa” (16 vezes), “falta muito” (12 vezes). Quanto às escolhas neutras, prevalecem as respostas “não conheço” e “não tenho intimidade”.

Para compreender as escolhas feitas, é relevante salientar que, na medida em que a velhice avança, costuma ocorrer certa perda de identidade. De acordo com Zimerman (2000), além das alterações do corpo, o envelhecimento traz várias outras mudanças, resultando na dificuldade de se adaptar a novos papéis,

falta de motivação, baixa auto-imagem e auto-estima, dentre outros. Com isso, os idosos passam a ter inúmeras necessidades que vão além do aspecto físico e material. É quando fazem sentido as respostas que se sustentam no discurso da amizade. Aqui o idoso denota como suas prioridades estão muito mais voltadas para o apoio/ajuda emocional (carinho, afeto, estima, valor etc) que a rede social pessoal possa oferecer - inclusive para dar conta das perdas características nessa fase da vida, tais como: a ocorrência de mortes, a diminuição ou falta de relações sociais e contatos com familiares, que ocasionam, dentre outros fenômenos, o medo, o sentimento de insegurança, eventual apatia e solidão (CAPITANNINI, 2000).

Deste modo, no âmbito das amizades, a rede social opera mobilizando recursos para permitir aos idosos atenuarem a sua carga emocional. Esse apoio tem sua maior contribuição no sentido de criar uma coerência dentro daquilo que mais identifica a vivência em grupo, ou seja: afeto, companheirismo, doação, partilha. Na análise de Braghirolli et al (1999), as pessoas não se integrarão em um grupo se ele não trouxer a satisfação de certas necessidades fundamentais, dentre elas a de interação afetiva.

Rodrigues (1978) define interação afetiva como um relacionamento de comunicação movido pela necessidade de compensação emocional, ou seja, relacionamento de amizade sem nenhum outro interesse. No discurso dos atores entrevistados, o amigo é também sinônimo de: alguém especial, presente, verdadeiro, que compartilha, imprescindível, admirável, confiável e familiar.

Fica ainda evidenciada a noção de que o reconhecimento do outro como “amigo”, constituído no processo vivencial do grupo, atua como base motivacional para realização das atividades coletivas. Isto esta claro quando os entrevistados reiteram os amigos como aquelas pessoas com quem “gostam de fazer as coisas”.

Além da dimensão emocional, Arrosi (1993) esclarece que a rede pessoal opera como apoio instrumental, referente à ajuda material e ajuda informacional. Rodrigues (1978; 61-62) define a interação instrumental como: "*relacionamento movido pelo interesse que têm os indivíduos em obter informações que lhes sejam úteis ou vantajosas para determinadas ações de trabalho*". Os idosos refletem-se afetados por essa lógica de funcionamento da rede, quando buscam justificar sua escolha positiva por meio dos predicados: "prestativo" e "participativo"; e suas escolhas negativas como "Falta muito" e "não participa". Desse modo, é lícito asseverar que, na rede estudada, as escolhas positivas contemplam aqueles que participam ativamente da troca/transferência de suporte, enquanto as escolhas negativas vão para aqueles cujas trocas ocorrem em menor proporção.

Para Néri (2004), dar e receber apoio emocional, ajuda material, serviços e informações, bem como estabelecer novos contatos sociais, contribuem para que o indivíduo acredite que é cuidado, amado, valorizado e que pertence a uma rede de relações comuns e mútuas. Deste modo, talvez um ideal de investimento no grupo deva ser o de trabalhar junto aos atores menos envolvidos, de maneira que estes se adaptem ao restante do grupo, passando a aproveitar o potencial socio afetivo da rede, minimizando as relações "negativas", de forma que todos possam comunicar sentimentos de auto-expressão e participação.

6 CONCLUSÃO

A metodologia de análise das redes sociais ou, no caso deste estudo, os pressupostos dessa metodologia, têm aplicação não só para verificar aspectos estruturais de uma rede, como também servem ao propósito de levantar os mecanismos que lhe a originam, analisar nas relações, a existência de conflitos de interesses, os elementos que têm a propriedade de atrair e fixar a clientela, repercussões na comunidade em que se instala, dentre outros interesses.

A rede aqui em foco evidenciou apresentar as qualidades e atributos pessoais para atrair em torno de si pessoas, identificar lideranças e administrar a satisfação de necessidades individuais-coletivas de intercâmbio e trocas de suporte social. As ações da RIFAC, como entidade, concentram as propriedades de aproximação dos indivíduos em direção a metas comuns, contribuindo para descoberta e desenvolvimento de capacidades individuais, possibilitando, assim, o aumento da auto-estima e de um papel mais ativo dentro do grupo, bem como na comunidade.

Mesmo reconhecendo que os trabalhos realizados pela RIFAC ainda são incipientes em face do contexto social mais amplo de necessidades definidas pela exclusão e a miséria em que se insere o grupo populacional assistido, entende-se que novas oportunidades se vislumbram, na medida em que mais iniciativas comunitárias similares se voltem para o propósito de melhorar as condições de vida. Nesse sentido, uma das principais utilidades da rede pareceu vir da característica do grupo como apoio social, ou seja, aquela característica das interações que apresentam um efeito benéfico porque permite às pessoas não só “dar um sentido para a vida”, como também oferecem subsídios para gerenciá-la nos domínios

afetivo-social e material. Isso pode ainda ser relacionado ao estado de saúde dos atores de uma forma benéfica.

Os resultados da aplicação da sociometria aos participantes da RIFAC permitem concluir que os atores mantêm elevado nível de interação/comunicação interpessoal. A rede oferece, com efeito, possibilidade real de (re)construção dos vínculos (os amigos), mas a dinâmica em si de como se efetivam as trocas de suportes (apoio) remete os atores a reiterar como “amigas” aquelas pessoas de maior liderança e com maior poder de dar atenção. Nas palavras dos próprios atores: *alguém especial, presente, verdadeiro, que compartilha, imprescindível, admirável, confiável e familiar*. Percebe-se que o amigo, constituído no processo vivencial do grupo, atua como a base motivacional para as atividades coletivas realizadas. Nestes termos, a ausência da verificação de estratégias que permitam/estimulem o surgimento de lideranças pode ser inferido como um fator restritivo ao desenvolvimento de atividades coletivas, principalmente aquelas que demandem maiores ou complexas habilidades/responsabilidades.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas, e as tarefas particularmente assumidas por parte de cada um no contexto dessas atividades, constituem o que foi evidenciado com as principais fontes de atração/fixação dos atores, uma vez que lhes concedem a oportunidade de reconstituírem laços sociais de ajuda mútua (de voltarem a se sentirem úteis), e que as atividades estão relacionadas diretamente com as necessidades socio afetivas e materiais do grupo. Assim, podem essas atividades ser aproveitadas também como estratégia que incute mecanismos de desenvolvimento da criatividade, capacidade de tomada de decisões e de inovações. Mais bem direcionadas, podem mesmo essas atividades ser utilizadas

como verdadeiras estratégias para desenvolver/despertar habilidades de liderança e cooperação.

Para concluir, destaca-se a idéia de que, em face de tantos desafios e polêmicas que permeiam a atuação das ONGs, objeto deste ensaio, alguns parâmetros de como trabalhar nesta área já se fazem claros, destacando-se o que se consolida com esta investigação: ao se desenvolver propostas que se utilizem da lógica de intervenção característica às redes sociais, há que se investir em estratégias de fortalecimento e ampliação das lideranças, bem como dos intercâmbios, explorando deste modo todo o potencial socio afetivo da rede; isso implica minimizar ao máximo as relações “negativas” ou “neutras”, de forma que todos possam comunicar sentimentos de auto-expressão e participação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, G.R.B.; VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Ciênc. saúde coletiva.** v.7, n.4, p.925-934, 2002.

ARMANI, D. **Breve Mapa do Contexto das ONGs Brasileiras**. 2000. Disponível em <http//:www.abong.org.br>. Acesso em 20 jul. 2006.

ARROSI, S."Apoyo social y salud mental en las ciudades del Tercer Mundo: algunas consideraciones para su análisis". **In: Revista Medio Ambiente y Urbanizacion,** 46: 25-34, mar. 94. México: IIED, vol. XXIV,1993.

BARBOSA, M.T.S.; BYINGTON, M.R.L.; STRUCHINER, C.J. Modelos dinâmicos e redes sociais: revisão e reflexões a respeito de sua contribuição para o entendimento da epidemia do HIV. **Cad. Saúde Pública.** v.16. n.1, p.37-51, 2000.

BARRON, A. I. **Apoio social :** Aspectos teóricos y aplicaciones. Madrid Siglo Veinteuno: España Editores, 1996.

BARROSO, G.T.; VIEIRA, N.F.C.; VARELA, Z.M.V. (Org.). **Educação em Saúde no contexto da promoção humana.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. **UCINET Version 6.123.** Natick: Analytic Technologies, 2006.

BOTH, A. **Identidade Existencial na Velhice.** Passo Fundo: UPF, 2000.

BRAGHIROLLI, E. M.; PEREIRA, S. & RIZZON, L. A. **Temas de Psicologia Social.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 3 ed. 1999.

BRASIL. As Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil. **Estudos e Pesquisa.** 2002. Disponível em: <**http://www.ibge.gov.br/home**>. Acesso em 20 fev. 2006.

BRASIL. Decreto n. º 1.948, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei 8.842, sancionada em 4 de janeiro de 1994, a qual "dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências". **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil,** Poder Executivo, Brasília, DF, 3 jul.1996.

BRONFMAN, P. **Multimortalidad y estructura familiar:** un estudio cualitativo de las muertes infantiles en las familias. 1993. Dissertação de doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1993.

BUSTOS, D.M. **O teste sociométrico –** fundamentos, técnica e aplicações. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CAPITANINI, M.E. **Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em idosas vivendo sós.** Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas, SP: Faculdade de Educação UNICAMP, 2000.

CAPITANINI, M.E.S.. Solidão na velhice: realidade ou mito?. In: NERI, A.L.; FREIRE, S.A. (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.

CAREY, P. Community health and empowerment. In: JOANNE, K. **Community Health Promotion**: Challenges for Practice. London: British Library, 2000.

CARLOS, S.A. O processo grupal. In: JACQUES, M.G.C.; STREY, M.; BERNARDES, N.G.; GUARESCHI, P.A.S.A.; FONSECA, T.M.G. (Orgs.). **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARVALHO, N. V. de. **Autogestão - O Nascimento das ONGs.** Editora Brasiliense. 2ª ed. rev. 1995.193p.

CASSELL, E. J. **The Healer's Art.** New York: J. P. Lippincott Company, 1976.

CASSELL, E. J. An epidemiological perspective of psychosocial factors in disease etiology. **American Journal of Medicine**. v. 64, n. 11, p. 1040-1043, 1974.

COBB, S. Social support as a moderator of life stress. **Psychosomatic Medicine**, v. 38, 1976.

COELHO NETO. A. **As Dimensões da Vida.** Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

CRAPA, F. **A teia da vida -** Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix/Amana-Key, 2001.

DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Introducing Social Networks**. London: Sage, 1999.

DREYFUS, C. **Psicoterapias de grupo.** Lisboa/São Paulo: Verbo, 1980.

DURIGAN, P. R. **Um Estudo Sobre a FEAC –** Federação das Entidades Assistenciais de Campinas/fundação Odila e Lafayette Álvaro. 2000. Dissertação (Mestrado em Economia, Administração e Contabilidade) – Universidade de São Paulo, SP, 2000.

ERBOLATO, R.M.P.L. **Contatos sociais:** relação de amizade em três momentos da vida adulta. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia). Campinas, SP: PUCCAMP, 2001.

FALCONER, A. P. **A Promessa do Terceiro Setor:** um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão.

Dissertação (Mestrado em Administração). São Paulo: Universidade de São Paulo,, 1999.

FARIA, C.C.S. **Comunicação e bem-estar no limiar do século XXI**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1999.

FERRARI, A. F. **Fundamentos de sociologia.** São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

FERNANDES, R.C. **Privado porém Público –** O Terceiro Setor na América Latina. Rio de Janeiro: CIVICUS/Relume Dumará, 1994.

FERREIRA, V.C.P. **ONGs no Brasil:** um estudo sobre suas características e fatores que têm induzido seu crescimento. 2005. Tese (doutorado). Escola de Administração Pública e de Empresas. Rio de Janeiro, 2005.

FRAGA, P. **As ONGs no Espaço Público:** uma Trajetória de Mudança. Dissertação de Mestrado. IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro: 1995.

FRAIMAN, A. **Coisas da idade**. São Paulo: Editora Gente, 1995.

FRANCO, A. **Terceiro Setor –** a nova sociedade civil e seu papel estratégico para o desenvolvimento. Brasília: AED, 2003.

FRANCO, A. **Redefinindo ONG.** Belo Horizonte, 1994.

FRANKL, V.E. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Porto Alegre: Sulina, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido***.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARTON, L.; HARTHORNTHWAITE, C.; WELLMAN, C. Studying Online Social Networks. **Journal of Computer Mediated Communication**. v.3, n.1, 1997. Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol3/issue1/garton.html>. Acesso em: 12 abr. 2006.

GERÊNCIA de Estudos Setoriais (GESET). **Terceiro Setor e o Desenvolvimento Social**. Relato Setorial. 2001. Disponível em: **http://www.bndes.gov.br**. Acesso em: 12 abr. 2006.

GOES, A. et al. **Projecto de Promoção da Saúde Mental e Prevenção das Toxicodependências na Gravidez e Primeira Infância**: Diagnóstico de situação. Lisboa. Universidade Nova de Lisboa: Escola Nacional de Saúde Pública, 2004.

GOLDENBERG M. **A arte de pesquisar.** Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GONÇALVES, H.S. **O Estado o Terceiro Setor e o Mercado:** Uma Tríade Completa. Disponível em: **http://www.rits.org.br**. Acesso em: 20 nov. 2005.

GOUVEIA, M. **Terceira Idade, ainda tempo de semear.** Petrópolis: Vozes, 2002.

HANNEMAN, A. R. **Introducción a los Métodos del Análisis de Redes Sociales.** Departmento de Sociología de la Universidad de California Riverside. Disponível em: <http://wizard.ucr.edu/~rhannema/networks/text/textindex.html> Acessado em: 12 out. 2000.

IIZUKA, E.S. **Um Estudo Exploratório sobre a Exclusão Digital e as Organizações sem Fins Lucrativos da Cidade de São Paulo**. 2003. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo). Fundação Getúlio Vargas, 2003.

KAN, G.G. In: ORAM, A. **Peer-to-peer:** o poder transformador das redes ponto a ponto. São Paulo: Berkeley Brasil, 2001.

KAN, G.G. **Redes de colaboração solidária -** Aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação. Petrópolis: Vozes, 2002

KAUFMAN, A. **Teatro Pedagógico –** bastidores da iniciação médica. São Paulo: Ágora, 1992.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

LANDIM F.L.P. et al. Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisacom ênfase na integração qualitativo-quantitativo. **Revista Brasileira em Promoção em Saúde**. v. 19, n.1, 2006.

LANDIM, F.L.P.; NATIONS, M.K.; FROTA, M.A. Ética, solidariedade e redes sociais na promoção da saúde In: BARROSO, G.T. (Org.). **Educação em saúde no contexto da promoção humana.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

LANDIM, L. (org.) **Ações em sociedade**: militância, caridade, assistência etc. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

LANDIM, L et. al. **Ocupações, Despesas e Recursos:** as organizações sem fins lucrativos no Brasil. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

LANDIM, L et. al. **Para Além do Mercado e do Estado?** Filantropia e Cidadania no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1993.

LANE, S. T. M. O processo grupal. In LANE, S.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia social**: O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEWIS, D. Ligando a lacuna? Os universos paralelos das tradições em pesquisa de organizações não governamentais e o contexto de mudança na ação voluntária. **Integração:** Revista Eletrônica do Terceiro Setor, 2000.

MARQUES, E.C. Redes Sociais e Instituições na Construção do Estado e da sua Permeabilidade. **Rev. Bras. Ci. Soc**. v.14, n.41, 1999.

MARTELETO, R.M. **Confronto simbólico, apropriação do conhecimento e produção de informação nas redes de movimentos sociais.** Brasília: MCT/IBICT-UFRJ/ECO. 2001**.**

MARTELETO, R.M.; RIBEIRO, Leila Beatriz. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Revista Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 11, n.1, 2001. Disponível em: <http://www. informacaoesociedade.ufpb.br/1110103.html>. Acesso em: 05 jul. 2004.

MARTELETO, R.M.; SILVA, A. B.O. Redes e Capital Social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação.** v.33, n.3, p.41-49, 2004.

MARTÍN-BARÓ, I. Los grupos com historia*:* un modelo psicosocial. **Boletin de la AVEPSO.** v.11, n.1, 1988.

MARTINHO, C. **Redes**: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização.2003: Disponível em: <**http://www.wwf.org.br/publicacoes/livro_redes_ea.htm**)> Acessado em 13 set. 2006.

MARTINS, R.M.L. Millenium. **Revista do ISPV**. n.31, 2005.

MATOS, A.P.; FERREIRA, A. Desenvolvimento da escala de apoio social: alguns dados sobre a sua fiabilidade. **Psiquiatria clínica**. v.21, n.3, p. 243-253, 2000.

MEIRELES, E.C.; EL-AOUA, WA. O desafio das ongs ante a minimização do papel do estado no cenário global.**Caderno de Pesquisas em Administração.** v. 9, n. 3, 2002.

MENDONÇA, J.; GÓIS, Z. Aonde vai a ONG?. **Bahia análise & dados**. v. 12, n. 3, p. 211-219, 2002.

MINARELLI, J.A. **Networking** - Como utilizar a rede de relacionamentos na sua vida e na carreira. São Paulo: Editora Gente, 2001.

MINAYO, M.C.S.. **O Desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1993.

MINKLER, M. Community organizing among the elderly poor in the United States: a case study. **Journal of International Health Services**, 1992.

MONTAÑO, C. **Terceiro setor e questão social:** crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2004.

MONTEIRO, A. M. **Sociometria diádica:** Considerações teórico-práticas. Tese de Doutorado não-publicada.. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MORENO, J.L. **Fundamentos de la sociometría**. Buenos Aires: Paidós, 1972.

NEDER, R.T. **As ongs na reconstrução da sociedade civil no Brasil**. Seminário internacional “sociedade e a reforma do estado”, São Paulo, 1998. Disponível em:<http//:www.mare.gov.br>. Acesso em: 10 out.2005.

NERI, A.L. **O Fruto dá sementes:** processos de amadurecimento e envelhecimento. In: Maturidade e Velhice: Trajetórias individuais e socioculturais. Campinas: Papirus, 2001.

NERI, M.L. Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos. **PsicoUSF.** v.9, n.1, p.109-110, 2004.

NOVAES, E.S, KRANZ, P. **Elaboração e implementação das agendas regionais e locais na Região Sudeste durante 1997**: documento de consultoria. 1998.

NUNES, M.M.J.C. **Qualidade de vida e diabetes:** influência das variáveis psicossociais. 1999. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Altos Estudos Miguel Torga. Coimbra. 1999.

OLAK, P.A. **Bases para a eficácia na Aplicação do Contrato de Gestão nas Organizações Sociais Brasileiras**. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis). Universidade de São Paulo, SP. 2000.

OLIVEIRA, R.N. **Análise da Gestão de Organizações Sem Fins Lucrativos, Estudo de Caso.** Departamento de Administração. Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuaria. São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, S. A. **Redes**: mapeando seus usos no campo das ciências sociais. 2000.

ONG'S no Brasil: perfil das associadas à ABONG – principais resultados da pesquisa realizada entre agosto e novembro de 2001. Disponível em: <http//:www.abong.org >. Acesso em: 10 ago 2006

PAIXÃO, R.; OLIVEIRA, R.A. **Escala Instrumental e expressiva do suporte social**. **Psycológica.** 1996.

PASSETTI, E. Criança Carentes e Políticas Públicas. In: PRIORE, M. P. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999

RAMOS, S. O papel das ONGs na construção de políticas de saúde: a Aids, a saúde da mulher e a saúde mental. **Ciênc. saúde coletiva.** v.9, n.4, 2004.
RIBEIRO, J.L.P. A importância da qualidade de vida para a Psicologia da Saúde. **Análise Psicológica**. **v**.12, n.º 2-3, p.179-191, 1999.

RODRIGUES, C. M. **Análise comparativa de redes de comunicação interpessoal em duas comunidades rurais sob a ótica de mudanças tecnológicas.** 1978 -168 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 1978.

SALAMON, L.; ANHEIER, H. **Defining the Nonprofit Sector**: A cross-national analysis. Jonhs Hopkins Nonprofit Sector Series. Manchester: Manchester University, 1997.

SARACENO, D. V. dos S.. O papel do terceiro setor na questão do desenvolvimento regional e local. **Caderno de Análise Regional**. v. 3, 2005. Disponível em <http://www.desenbahia.ba.gov.br>. Acesso em 20 Jul. 2006.

SARAVALI, E.G. As relações interpessoais dos alunos com problemas no aprendizado: um estudo a partir do referencial Moreniano. **Revista Digital UMBRAL 2000**. n. 16, 2004.

SARAVALI, E.G. Inclusão x Exclusão - contribuições das pesquisas em sociometria para o debate da Reforma Universitária no Brasil. **Revista Digital UMBRAL 2000**. n. 17, 2005.

SCHERER-WARREN, I. **Cidadania sem Fronteiras**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCOTT, D. Qualitative approaches to evaluations of health – promoting activities. In: SCOTT, D; WESTON, RO.S. **Evaluating health promotion.** London: Cheltenham, 1998.

SILVA, A.B.O.; MATHEUS, R.F.; PARREIRAS, F.S.; PARREIRAS, T.A.S. **Análise de Redes Sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na Ciência da Informação.** Belo Horizonte, 2005.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica.** Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997

SZAZI, E. **Terceiro Setor**: regulação no Brasil. São Paulo: Peirópolis/GIFE, 2003.

TANAKA, O.Y.; MELO, C. Reflexões sobre a avaliação em serviços de saúde e a adoção das abordagens qualitativa e quantitativa. In: BOSI M.L.M.; MERCADO, F.J. **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes; 2004.

TRUJILLO, F.A. **Fundamentos da Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

VALLA V.V. Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. **Cadernos de Saúde Pública.** v.5, n. 2, p.7-14, 1999.

VALLA, V.V. Sobre a participação popular: uma questão de perspectiva. **Cadernos de Saúde Pública.** v. 14, n. 2, 1998.

VAUX, A. **Social support**: theory, research, and intervention. New York: Praeger, 1988.

VAZ SERRA, A. **O Stress na Vida de Todos os Dias**. Coimbra: ed. De Autor, 1999.

WATTS, D.J. **Six Degrees:** The Science of a Connected Age**.** New York: W. W. Norton &Company, 2003.

WELLMAN, B. Network analysis: some basic principles. In: WELLMAN, E.D. **Sociological Theory.** 1983.

WELLMAN, B. *et. al*. The Social Affordances of Internet for Networked Individualism. **Journal of computer Mediated Communication.** v. 8, n.3, 2003. Disponível em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol8/issue3/wellman.html>. Acesso em: 23 abr. 2006.

WELLMAN, B. **Physical Place and CyberPlace:** The Rise of Personalized Networking. 2001. Disponível em: <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/individualism/ijurr3a1.htm>. Acesso em abr. 2006.

WELLMAN, Barry. Structural Analysis: From Method and Metaphor to Theory and Substance. In: WELLMAN, B,; BERKOWITZ, S.D. **Social Structures:** A Network Approach*.* Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

WITT, A. Importâncias e aproveitamento da organização informal. **Rev. Saúde Pública.** São Paulo, dez. 1969

ZIMERMAN, G.L. **Velhice:** Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Nome:

____

Contando a história...

Conte a história do Grupo da Felicidade. O início de tudo, como tudo aconteceu, o que mudou com o tempo, os pontos positivos e negativos, as dificuldades encontradas, que mudanças aconteceram nesses 4 (quatro) anos e o que acontece hoje, como você está vendo o grupo hoje.

Nome:

_____

MODALIDADE OBJETIVA

A seguir encontram-se três colunas. Na primeira coluna apresentam-se os nomes de todas as pessoas que participam do grupo de convivência. Na segunda coluna, você deve assinar qual das três escolhas - *positiva, negativa* ou *neutra*; melhor qualifica a sua forma de pensar a respeito do significado de cada uma dessas pessoas para a dinâmica grupal. Na terceira coluna justifique a sua escolha.

NOMES	ESCOLHAS	JUSTIFICATIVAS
1	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
2	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
3	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
4	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
5	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
6	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
7	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
8	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
9	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	

10	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
11	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
12	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
13	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
14	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
15	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
16	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
17	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
18	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
19	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
20	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
21	Positivo ( )	

	Negativo ( ) Neutra ( )	
22	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra (	
23	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
24	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
25	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
26	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
27	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
28	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
29	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
30	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
31	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
32	Positivo ( ) Negativo ( )	

	Neutra ( )	
	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra (	
33	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
34	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
35	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
36	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
37	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra (	
38	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
39	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
40	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
41	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
42	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
43	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	

44	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
45	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
46	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
47	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
48	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
49	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
50	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra (	
51	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
52	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
53	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	
54	Positivo ( ) Negativo ( ) Neutra ( )	

Obrigado pela sua colaboração!

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,_____

RG:_____, aceito participar voluntariamente da pesquisa intitulada: Melhoria das condições de vida – análise de uma rede social, que tem por objetivo: Analisar uma rede social como estratégia para melhorar as condições de vida de segmentos populacionais em uma comunidade carente. O trabalho será realizado através da aplicação do teste sociométrico. Assim, você estará contribuindo para visualizar/investigar a organização das pessoas no grupo, em função dos tipos de relação e da posição que elas ocupam nestes grupos. Dessa forma, irá oferecer condições de potencializá-las no propósito de gerar estratégias de ação e instrumentos de mobilização de recursos na resolução das problemáticas.

Vale ressaltar que:

- Não há qualquer risco em participar da pesquisa;
- Será preservado seu anonimato;
- As informações coletadas serão utilizadas apenas para os objetivos da pesquisa;
- Que tenho a liberdade de desistir a qualquer momento de participar da pesquisa;
- Não haverá qualquer tipo de despesa ou ajuda financeira;
- Será entregue uma cópia do presente termo para cada um dos participantes devidamente assinados.

Em caso de esclarecimento sobre a pesquisa, entrar em contato com o pesquisador responsável:

Nome: Gladys Mary Costa Guerra

Telefone: 9108-6206

Matrícula: 0514083/8

Em caso de dúvida sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR:

Endereço: Av Washington Soares, 1321 – 60811-341 Fortaleza-Ceará ou coetica@unifor.br

Declaro que após esclarecimento pelo pesquisador e tendo entendido o que me foi explicado, concordo em participar de forma voluntária da pesquisa.

Fortaleza, ___de_____ de _____.

_____

Assinatura do entrevistado

_____

Assinatura do Pesquisador

Carta de Informação

Diante da conjuntura atual, é crescente a quantidade de problemas, como também novos processos econômicos, políticos e sócio-culturais emergem com a chamada globalização do mundo, dentre eles, a crise do Estado, afetando, principalmente, os serviços de saúde. Surge, então, a necessidade de repensar a questão da saúde, buscando o apoio social em rede como proposta de educação em saúde. Criando, assim, perspectivas para formação de pessoas comprometidas com a luta contra as desigualdades sociais e em busca de encontros humanos mais solidários.

Diante do exposto, optou-se por desenvolver estudo, trazendo luz sobre a representatividade de uma ONG e o papel desta no interior da comunidade. Trata-se de conduzir o enfoque das redes sociais, analisando os elos em sua dinâmica e significados para a transformação das condições de vida, a partir dos seguintes questionamentos: 1) como surge e se consolida uma rede no interior de uma comunidade? 2) quais elementos são valorizados no intuito de atrair e fixar os participantes? 3) como acontecem as relações entre membros, conflitos de interesses etc? 4) como se refletem a configuração da rede e sua dinâmica de intervenção na comunidade?

O estudo será desenvolvido em acordo com pressupostos da metodologia de análise de redes, objetivando que se realize uma análise baseada nas relações dos sujeitos investigados, no que tange às suas características e significados para a rede que constituem.

Seu desenvolvimento será de julho a agosto de 2006. Os sujeitos participantes serão todas as pessoas que têm envolvimento com os trabalhos na

ONG, dentre eles: os 10 membros do corpo diretor, 40 idosos, 20 adolescentes, uma líder comunitária, um Padre e um seminarista.

Os sujeitos da pesquisa serão acompanhados pelo pesquisador responsável durante toda a coleta de dados e, este mesmo, estará disponível, em qualquer momento da pesquisa, para responder às dúvidas e/ou esclarecimentos que possam surgir.

Considerando o estabelecido pela resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde, critérios éticos serão obedecidos, de maneira que a fase de coleta de dados tomará corpo somente após terem sido prestados esclarecimentos devidos acerca do propósito da pesquisa e da conduta ética adotada pelo pesquisador, inclusive para resguardar a privacidade e assegurar total anonimato aos informantes; tarefa realizada com o auxílio do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

“A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - COÉTICA/UNIFOR. Endereço - Av. Washington Soares, 1321,Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-905 – Fortaleza – Ceará - Brasil. E-mail: coetica@unifor.br”.

Nome: Gladys Mary Costa Guerra

Telefone: 9108-6206

Matrícula: 0514083/8

APÊNDICE C – FICHA DE CADASTRO

1. IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____

DATA NASCIMENTO: _____ IDADE: _____

GRAU DE INSTRUÇÃO: _____ NATURALIDADE: _____

ENDEREÇO: _____

TELEFONE DE CONTATO: _____ PROFISSÃO: _____

APOSENTADO: _____ LOCAL DE TRABALHO: _____

ESTADO CIVIL: _____

2. DADOS FAMILIARES:

Números de filhos: _____ Pessoas com quem mora: _____

3. JÁ PARTICIPOU DE ALGUM OUTRO GRUPO? _____

4. O QUE VOCÊ ESPERA ENCONTRAR NESTE GRUPO? _____

5. DOENÇAS:

( ) HIPERTENSÃO
( ) ALCOOLISMO
( ) ÚLCERA
( ) OSTEOPOROSE
( ) OUTROS
( ) DIABETES
( ) GASTRITE
( ) CATARATA
( ) DEFICIÊNCIAS MENTAIS

6. FAZ ALGUM TRATAMENTO ESPECIALIZADO? (Qual, Onde e Quando)

7. OBSERVAÇOES COMPLEMENTARES:

_____

_____

_____

_____

APÊNDICE D - ROTEIRO DE TRIAGEM

I) IDENTIFICAÇÃO

NOME: _____IDADE: _____

ENDEREÇO: _____ESTADO CIVIL: _____

PROFISSÃO: _____NATURALIDADE: _____

II) DADOS FAMILIARES

PAI: _____IDADE_____VIVO(S)_____(N)_____

MÃE: _____IDADE_____VIVO(S)_____(N)_____

IRMÃOS (QUANTIDADE):_____FILHOS(QUANTIDADE):_____

PESSOAS COM QUEM MORA:_____

III) PORQUE PROCUROU O SERVIÇO DE PSICOLOGIA?

_____

_____

_____

IV) JÁ FEZ ALGUM TRATAMENTO ESPECIALIZADO? (QUAL, ONDE, QUANDO)

_____

_____

_____

V) ANTECEDENTES FAMILIARES

( ) DOENÇAS ( ) ALCOOLISMO ( ) HOMICÍDIO

( ) DOENÇAS MENTAIS ( ) SUICÍDIO ( ) OUTROS

_____

_____

_____

VI) OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

_____

_____

APÊNDICE E – LISTA DE FREQÜÊNCIA

NOMES JUL/AGO 2006	24/06	01/07	08/07	15/07	22/07	29/07	05/08	12/08	19/08	26/08
1	F	F	X	F	.	X	X	F	.	
2										
3	F	X	X	F	F	X	X	.	F	
4	F	X	X	F	.	X	X	.	.	
5	F	X	X	F	F	X	X	.	F	
6	F	X	X	F	F	X	X	F	F	
7	F	X	X	.	F	X	X	.	.	
8	F	X	X	F	F	X	X	F	.	
9	F	X	X	.	.	X	X	F	.	
10	.	X	X	F	F	X	X	.	F	
11	.	X	X	F	.	X	X	F	.	
12	F	X	X	F	.	X	X	F	F	
13	.	X	X	F	.	X	X	F	.	
14	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
15	.	X	X	F	F	X	X	F	.	
16	.	X	X	.	.	X	X	F	.	
17	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
18	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
19	.	X	X	F	F	X	X	F	.	
20	F	X	X	F	F	X	X	F	F	
21	F	X	X	.	F	X	X	F	.	
22	F	X	X	.	F	X	X	.	F	
23	.	X	X	F	.	X	X	F	F	
24	F	X	X	F	.	X	X	.	.	
25	.	X	X	.	.	X	X	F	.	
26	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
27	F	X	X	F	F	X	X	.	F	
28	F	X	X	.	F	X	X	.	.	
29										
30	.	X	X	F	F	X	X	F	.	
31										
32	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
33	.	X	X	.	.	X	X	F	.	
34	.	X	X	F	F	X	X	F	.	
35	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
36	F	X	X	F	F	X	X	F	.	
37	.	X	X	F	F	X	X	F	.	
38	.	X	X	F	.	X	X	F	F	
39	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
40	.	X	X	F	.	X	X	.	.	
41	F	X	X	F	F	X	X	F	.	
42	F	X	X	F	.	X	X	.	F	
43	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
44	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
45	.	x	x	.	.	x	x	.	.	
46	F	X	X	F	.	X	X	F	.	
47	F	X	X	F	F	X	X	F	.	
48	.	X	X	F	.	X	X	.	.	
49	.	X	X	.	F	X	X	.	.	
50	F	X	X	F	F	X	X	.	.	
51	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
52	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
53	.	X	X	.	.	X	X	.	.	
54	F	X	X	.	F	X	X	.	F	
55										
56										

APÊNDICE F - ATA DE FUNDAÇÃO

LISTA DE PRESENÇA

DATA:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____
21. _____
22. _____
23. _____
24. _____
25. _____
26. _____
27. _____
28. _____
29. _____
30. _____
31. _____
32. _____
33. _____
34. _____
35. _____
36. _____
37. _____
38. _____
39. _____
40. _____

ATA DE FUNDAÇÃO

DATA:

PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA:
SECRETÁRIA DA ASSEMBLÉIA:

PAUTAS:

- Denominação da ONG;
- Eleição dos primeiros dirigentes;
- Elaboração e aprovação do Estatuto Social:
    - ✓ Da denominação, sede, prazo de duração, princípios e objetivos;
    - ✓ Dos associados, seus direitos e deveres;
    - ✓ Dos órgãos da associação;
    - ✓ Da eleição;
    - ✓ Das fontes de recursos;
    - ✓ Do patrimônio;
    - ✓ Das prestações de contas;
    - ✓ E disposições gerais.

RESOLUÇÕES:

- Da denominação: **Rede de Integração Familiar e Comunitária - RIFAC**

- Eleição dos dirigentes:

    - ✓ **Presidente:**
    - ✓ **Vice-presidente:**
    - ✓ **Diretoria de finanças**:
    - ✓ **Diretoria de projetos:**
    - ✓ **Diretoria política de relações:**
    - ✓ **Diretoria de eventos:**
    - ✓ **Conselho fiscal:**
    - ✓

- Elaboração e aprovação do Estatuto Social:

    - ✓ **Sede:** Rua Guilherme Moreira, 299; Bairro de Fátima; Fortaleza -Ceará –Brasil.
    - ✓ **Prazo de duração:** de tempo indeterminado.
    - ✓ **Princípios e objetivos:** Cooperar para a integração e melhoria da qualidade de vida das famílias nas comunidades carentes; e Para atingir seus objetivos, a associação elaborará e acompanhará projetos sociais, dirigidos para áreas de saúde, educação, profissionalização e formação de lideranças comunitárias.
    - ✓ **Dos associados:** Associados fundadores: aqueles que participaram da Assembléia de Fundação da associação, assinando a respectiva ata e comprometendo-se com as suas finalidades; Associados efetivos:

os que forem incorporados pela aprovação da Assembléia Geral, a partir de indicação realizada pelos associados fundadores; Associados colaboradores: pessoas físicas ou jurídicas que, identificadas com os objetivos da associação, solicitem seu ingresso e, sendo aprovadas pelo Conselho Diretor, paguem as contribuições correspondentes;

- ✓ **Direitos de todos os associados:** Participar e tomar parte, com direito à voz, da Assembléia Geral; Participar de todos os eventos e festividades promovidos pela entidade; Encaminhar á Coordenação Administrativa e Financeira proposta de alteração no estatuto; Ter preservado o sigilo de suas informações cadastrais pessoais.
- ✓ **Dos órgãos da associação:** Assembléia Geral; Conselho Diretor; Conselho fiscal.
- ✓ **Da eleição:** Os associados fundadores e efetivos;
- ✓ **Das fontes de recursos:** Constituem fontes as receitas provenientes dos serviços prestados, da venda de publicações, bem como as receitas patrimoniais; como também de contratos, convênios e termos de parceria celebrados com pessoas físicas e jurídicas, de direito público ou privado;
- ✓ **Do patrimônio:** será constituído por bens móveis, imóveis, veículos, semoventes, ações e títulos da dívida pública.
- ✓ **Das prestações de contas:** Os princípios fundamentais de contabilidade e as Normas Brasileiras de Contabilidade; A publicidade, por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal, ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, incluindo as certidões negativas de débitos junto ao INSS e ao FGTS, colocando-os à disposição para o exame de qualquer cidadão.
- ✓ **Disposições gerais:** Não percebem seus diretores, conselheiros, associados, instituidores, benfeitores ou equivalentes remuneração, vantagens ou benefícios, direta ou indiretamente, por qualquer forma ou título, em razão das competências, funções ou atividades que lhes sejam atribuídas pelos respectivos atos constitutivos.

_____	_____
Presidente da assembléia	**Secretária da assembléia**
_____	_____
Presidente	**Vice-presidente**
_____	_____
Diretor de finanças	**Diretor de projetos**
_____	_____
Diretor de eventos	**Diretora de política de relações**

_____	_____
Conselho fiscal	**Conselho fiscal**
_____	_____
Conselho fiscal	**Conselho fiscal**
_____	_____
Associado fundador	**Associado fundador**
_____	_____
Associado fundador	**Associado fundador**

Para finalizar, encerram-se os trabalhos da assembléia geral de constituição com a lavratura e assinatura da ata pelo o presidente e secretário da assembléia, pelos dirigentes eleitos e por todos os presentes.

APÊNDICE F - ESTATUTO SOCIAL

REDE DE INTEGRAÇÃO FAMILIAR E COMUNITÁRIA

Da Denominação, Sede, Prazo de duração, Princípios e Objetivos.

Artigo 1º - A Associação Rede de Integração Familiar e Comunitária - RIFAC é uma associação civil, de direito privado, sem fins lucrativos e econômicos, com sede e foro no município de Fortaleza, Estado do Ceará, no Bairro de Fátima e sua duração é por tempo indeterminado.

Parágrafo Único - A Associação Rede de Integração Familiar e comunitária manterá absoluta e completa isenção de preconceitos e discriminações relativas à cor, raça, sexo, credo religioso, classe social, concepção política ou filosófica, nacionalidade ou quaisquer outras formas.

Artigo 2° - A Associação Rede de Integração Familiar e comunitária tem por finalidades:

a) Cooperar para a integração e melhoria da qualidade de vida das famílias nas comunidades carentes.

b) Para atingir seus objetivos, a associação elaborará e acompanhará projetos sociais, dirigidos para áreas de saúde, educação, profissionalização e formação de lideranças comunitárias.

Parágrafo Único - A associação não distribui entre seus associados, conselheiros, diretores, empregados ou doadores eventuais excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, bonificações, participações ou parcelas do seu do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e os aplica integralmente na consecução do seu objetivo social.

Artigo 3º - No desenvolvimento de suas atividades, a associação observará os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e da eficiência.

Parágrafo Primeiro - Para cumprir seu propósito a associação atuará por meio de:

Parágrafo Segundo - A Associação Rede de Integração Familiar e Comunitária presta serviços permanentes e sem qualquer discriminação de clientela.

Artigo 4º - A Associação poderá adotar um Regimento Interno, aprovado pelo Conselho Diretor, com finalidade de regular e detalhar as disposições contidas neste Estatuto.

Artigo 5º - A fim de cumprir suas finalidades, a Associação Rede de Integração Familiar e Comunitária poderá se organizar em tantas unidades quantas forem

necessárias, em qualquer parte do território nacional, para realizar a sua missão e objetivos.

Dos Associados, Seus Direitos E Deveres.

Artigo 6° - A Associação Rede de Integração Familiar e Comunitária é constituída por número ilimitado de associados, que compartilham os objetivos e princípios da associação. São distribuídos nas seguintes categorias:

a) Associados fundadores: aqueles que participaram da Assembléia de Fundação da associação, assinando a respectiva ata e comprometendo-se com as suas finalidades;

b) Associados efetivos: os que forem incorporados pela aprovação da Assembléia Geral, a partir de indicação realizada pelos associados fundadores.

c) Associados colaboradores: pessoas físicas ou jurídicas que, identificadas com os objetivos da associação, solicitem seu ingresso e, sendo aprovadas pelo Conselho Diretor, paguem as contribuições correspondentes.

Parágrafo Único - Os associados, independentemente da categoria, não respondem subsidiária, nem solidariamente pelas obrigações de associação, não podendo falar em seu nome, salvo se expressamente autorizados pelo Conselho Diretor.

Artigo 7º - São direitos de todos os associados:

a) Participar e tomar parte, com direito à voz, da Assembléia Geral.
b) Participar de todos os eventos e festividades promovidos pela entidade.
c) Encaminhar á Coordenação Administrativa e Financeira proposta de alteração no estatuto.
d) Ter preservado o sigilo de suas informações cadastrais pessoais.

Artigo 8º - São direitos específicos dos associados fundadores ou efetivos:

a) Votar e ser votado para os cargos eletivos, bem como, ser indicado para quaisquer outros cargos da associação.
b) Participar das assembléias gerais, debatendo e votando os assuntos sob deliberação, e propor medidas úteis aos interesses da associação a qualquer tempo.

Artigo 9º - São deveres de todos os associados:
I. Cumprir as disposições estatuárias regimentais;
II. Acatar as decisões da Assembléia Geral;
III. Zelar pelo bom nome e pelo fiel cumprimento dos objetivos da associação;
IV. Cooperar para o desenvolvimento e maior prestígio e zelar pelo bom nome e patrimônio da associação, inclusive difundindo seus objetivos e ações;
V. Contribuir pecuniariamente para a associação, em valor e periodicidade a serem definidos pelo Conselho Diretor;
VI. Manter atualizados seus dados cadastrais.

Artigo 10º - Poderá ser excluído da associação, havendo justa causa, o associado que descumprir o presente estatuto ou praticar qualquer ato contrário ao mesmo.

Parágrafo Primeiro - A decisão de exclusão de associado será tomada pela maioria simples dos membros do Conselho Diretor;

Parágrafo Segundo - Da decisão do Conselho Diretor de exclusão do associado caberá sempre recurso à Assembléia Geral.

Dos Órgãos da Associação

Artigo 11º - A Associação é composta pelos seguintes órgãos:

a) Assembléia Geral;
b) Conselho Diretor;
c) Conselho fiscal.

Assembléia Geral

Artigo 12º - A Assembléia Geral é o órgão soberano da associação, e se constituirá pelos associados fundadores e efetivos em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Artigo 13º - Compete privativamente à Assembléia Geral:

I. Eleger o Conselho Diretor;
II. Destituir os membros do Conselho Diretor;
III. Aprovar as contas da associação;
IV. Alterar o presente Estatuto Social; e
V. Deliberar sobre a extinção da associação;
VI. Discutir e deliberar, em definitivo, sobre qualquer matéria não atribuída a outro poder da associação.

Artigo 14º - A Assembléia Geral se reunirá ordinariamente uma vez por semestre, no primeiro trimestre, e extraordinariamente sempre que necessário.

Artigo 15º - A convocação da Assembléia Geral será feita por meio de edital afixado na sede da associação, por carta enviada aos associados, por e-mail ou por qualquer outro meio eficiente, com antecedência mínima de 7 dias.

Parágrafo Único - A Assembléia Geral se instalará em primeira convocação com pelo menos 2/3 dos associados presentes e, em segunda convocação, meia hora depois, seja qual for o número de associados presentes.

Artigo 16º - Todas as deliberações da Assembléia Geral deverão ser aprovadas pela maioria simples dos votos dos associados presentes.

Parágrafo Único - Para as deliberações referentes à: alterações estatutárias, destituição de membros do Conselho Diretor e Fiscal e dissolução da associação, exige-se o voto de dois terços dos presentes à Assembléia especialmente convocada para esse fim, não podendo a assembléia deliberar, em primeira

convocação, sem a presença da maioria absoluta dos associados plenos, ou com menos de um terço nas convocações seguintes.

Artigo 17 – As Assembléias Gerais serão convocadas pelo Presidente do Conselho Diretor, sendo garantido a um quinto dos associados o direito de promovê-la.

Conselho Diretor

Artigo 18 - O Conselho Diretor tem por função e competência traçar as diretrizes políticas e técnicas da associação, deliberar sobre novos projetos e áreas de atuação e acompanhar o desempenho dos projetos em andamento.

Artigo 20 – O Conselho Diretor, que se reunirá sempre que necessário, mediante convocação de seu presidente, será composto por no mínimo quatro diretores, que terão mandato de dois anos, admitindo-se a reeleição para o mesmo cargo.

Artigo 21 – Compete ao Conselho Diretor:

I. Convocar, ordinária e extraordinariamente, a Assembléia Geral de Sócios;
II. Implementar as políticas da Associação Rede de Integração Familiar e Comunitária - RIFAC definidas pela instância superior de decisão;
III. Apreciar e deliberar sobre ações de políticas internas e externas apresentadas pelos diretores, remetendo-as às instâncias competentes;
IV. Apreciar relatórios financeiros e atividades;
V. Apreciar e deliberar, no âmbito da sua competência, sobre questões relativas à vida interna da entidade;
VI. Acompanhar a relação da Associação Rede de Integração Familiar e Comunitária - RIFAC com o seu público beneficiário, as organizações da sociedade civil, as instituições públicas, privadas, nacionais e internacionais;

VII. Elaborar e submeter à Assembléia Geral de sócios, o relatório final de sua gestão;
VIII. Propor à Assembléia Geral de sócios, modificações no estatuto da entidade;
IX. Deliberar sobre a contratação de pessoal e sobre a rescisão de contratos;
X. Celebrar convênios, contratos ou acordos com pessoas físicas, jurídicas, nacionais ou internacionais;
XI. Deliberar sobre o Plano de Trabalho da entidade.

Artigo 22 – Compete ao presidente do Conselho Diretor:

I. Representar a associação ativa e passivamente, em juízo ou fora dele;
II. Convocar e presidir as Assembléias Gerais;
III. Outorgar procuração em nome da associação, estabelecendo poderes e prazos de validade.

Conselho Fiscal

Artigo 23 - O Conselho Fiscal é o órgão responsável por fiscalizar a administração contábil-financeira da associação será composto por três membros, eleitos pela

Assembléia Geral, com mandato de 02 (dois) anos e posse no ato de sua eleição, permitida a recondução.

Artigo 24 - Compete ao Conselho Fiscal:

I. opinar sobre os balanços e relatórios de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas, emitindo pareceres para os organismos superiores da associação;

II. representar para a Assembléia Geral sobre qualquer irregularidade verificada nas contas da associação;

III. requisitar ao Conselho Diretor, a qualquer tempo, documentação comprobatória das operações econômico-financeiras realizadas pela associação.

Da Eleição

Art. 37o - Terão direito a concorrer cargo do Conselho Diretor:

I. Os associados fundadores e efetivos.

II. Serão eleitos por pleito direto, em data e horário previamente marcado pelo Conselho Diretor, ou por 2/3 dos associados. Serão escolhidos por maioria simples de votos para cada cargo.

Art. 39o - O associado postulante á Presidência da Associação Rede de Integração Familiar e Comunitária deverá apresentar ao Conselho Diretor, com antecedência de 90 dias antes do pleito a sua proposta de trabalho, bem como os nomes que comporão a sua chapa.

Art. 40o - As eleições gerais da Associação Rede de Integração Familiar e Comunitária e do Conselho Fiscal dar-se-ão em uma assembléia geral extraordinária destinada a este fim.

Art.41°- Caberá ao Conselho Fiscal a organização d as eleições, a serem realizadas no segundo ano civil de mandato.

Das Fontes de Recursos

Artigo 25 – Constituem fontes de recursos da associação:

I. as doações e dotações, legados, heranças, subsídios e quaisquer auxílios que lhe forem concedidos por pessoas físicas ou jurídicas, de direito privado ou de direito público, nacionais ou estrangeiras, bem como os rendimentos produzidos por esses bens;

II. as receitas provenientes dos serviços prestados, da venda de publicações, bem como as receitas patrimoniais;

III. receita proveniente de contratos, convênios e termos de parceria celebrados com pessoas físicas e jurídicas, de direito público ou privado;

IV. rendimentos financeiros e outras rendas eventuais.

Do Patrimônio

Artigo 26 - O patrimônio da associação será constituído por bens móveis, imóveis, veículos, semoventes, ações e títulos da dívida pública.

Artigo 27 - No caso de dissolução da associação, o respectivo patrimônio líquido será transferido a outra entidade de fins não lucrativo e econômico, com o mesmo objetivo social, qualificada nos termos da Lei 9790/99 e registrada no Conselho Nacional de Assistência Social.

Artigo 28 - Na hipótese da associação obter e, posteriormente, perder a qualificação instituída pela lei 9790/99, o acervo patrimonial disponível, adquirido com recursos públicos durante o período em que perdurou aquela qualificação, será contabilmente apurado e transferido a outra pessoa jurídica qualificada nos termos da mesma Lei, preferencialmente que tenha o mesmo objetivo social e que seja registrada no CNAS.

Das Prestações de Contas

Artigo 29 – A prestação de contas da associação observará no mínimo:

I. Os princípios fundamentais de contabilidade e as Normas Brasileiras de Contabilidade;

II. A publicidade, por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal, ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, incluindo as certidões negativas de débitos junto ao INSS e ao FGTS, colocando-os à disposição para o exame de qualquer cidadão;

III. A realização de auditoria, inclusive por auditores independentes se for o caso, da aplicação dos eventuais recursos objeto de Termo de Parceria, conforme previsto em regulamento;

IV. A prestação de contas de todos os recursos e bens de origem publica recebidos será feita, conforme determina o § único do Art. 70 da Constituição Federal.

Das Disposições Gerais

Artigo 30 – A associação adotará práticas de gestão administrativa, necessárias e suficientes, a coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de benefícios e vantagens pessoais, em decorrência da participação nos processos decisórios.

Artigo 31 – A associação aplica suas rendas, seus recursos e eventual resultado operacional integralmente no território nacional e na manutenção e no desenvolvimento de seus objetivos institucionais.

Artigo 32 - Não percebem seus diretores, conselheiros, associados, instituidores, benfeitores ou equivalentes remuneração, vantagens ou benefícios, direta ou indiretamente, por qualquer forma ou título, em razão das competências, funções ou atividades que lhes sejam atribuídas pelos respectivos atos constitutivos.

Artigo 33 - Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho Diretor e referendados pela Assembléia Geral.

_____, _____ de _____ de _____.
Local e data

_____
Presidente

_____
Secretário

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo